A Liahona
DEZEMBRO 1984

1 C7 C1

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EDITOR:
M. Russell Ballard

EXECUTIVO DO «INTERNACIONAL MAGAZINE»:
Larry Hiller, Editor Gerente;
David Mitchel, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, desenhista;
Norman Price, produção.

EXECUTIVO DE «A LIAHONA»:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

DEZEMBRO DE 1981
PBMA0642PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: **JESUS DE NASARÉ,** Presidente Spencer W. Kimball
9. **EM HONRA DO SENHOR,** Joy Saunders Lundberg
10. **ORAÇÃO - TENTE OUTRA VEZ,** Bispo H. Burke Peterson
16. **O AMOR DE UM IRMÃO MAIS VELHO,** D. Brent Collette
21. **ADVERTÊNCIA DENTRO DA NOITE,** Isabelle Hanson
22. **PERGUNTAS E RESPOSTAS,** 1. Dale F. Pearson 2. Sharon e Wayne Dequer
27. **BÁRBARA SMITH: UM CHAMADO PARA SERVIR, UM MOTIVO DE JÚBILO,** JoAnn Jolley
33. **A SOCIEDADE DE SOCORRO ME FAZ CANTAR,** Patrícia W. Higbee
36. **AARÃO,** Victor L. Ludlow
44. **O PRESENTE DE NATAL,** Layne H. Dearden
47. **AVENTURAS DE UM JOVEM MARINHEIRO BRITÂNICO,** 2ª Parte, William G. Hartley

SEÇÃO INFANTIL

I. UM PROFETA RELEMBRA O NATAL
III. RÁBANOS SILVESTRES PARA O NATAL
VII. A VELA DE ANTÔNIO, Virginia G. Jones

NOTÍCIAS LOCAIS

I Mensagem de Natal (Élder Brewerton)
II Secretário — Um Chamado Muito Especial
IV Três Gerações a Serviço de Senhor
VI O Reino do Senhor Cresce — Joinville
VIII Microfilmados Registros de 50 Anos de Imigração em São Paulo
IX I Conferência dos Jovens do Distrito de Mato Grosso do Sul
X I Expo-Educacional da Sociedade de Socorro da Estaca Perdizes / Sábado Alegre da Primária
XI Oficina de Natal
XII Lobinhos Mórmons Visitam o Stand da Biogás / Sua Estaca é Notícia
XIII Meu Último Natal
XV Preparação do Natal

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P-209-73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 200,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 20,00*. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora. Rua Joaquim Nabuco, 351. Fone 4523444. São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

JESUS DE NASARÉ

Presidente Spencer W. Kimball

Nesta época do ano, celebramos o nascimento do Senhor Jesus Cristo. Há alguns anos atrás, minha esposa e eu visitamos a Terra Santa, juntamente com o Élder Howard W. Hunter e esposa e numa véspera de Natal nos juntamos às milhares de pessoas de todas as partes do mundo que lá se encontravam por motivos religiosos ou simples curiosidade. Tivemos que nos abaixar para atravessar a pequena abertura da Igreja da Natividade, quando vagarosamente nos encaminhamos para a gruta que muitas denominações consideram como os locais sagrados da manjedoura e do nascimento do Salvador.

Ao olhar para a estrela de metal que se acha fixada ao piso de concreto situado mais abaixo, nossa mente retratou uma rústica manjedoura numa gruta, e ao lado dela uma adorável senhora de lindo semblante e meigo olhar fitando um pequenino envolto em panos, como costumavam ser as demais crianças hebraicas. O infante já havia sido lavado, seu corpo limpo com sal e colocado sobre um pano quadrado, com a cabeça numa das extremidades, e os pés no sentido diagonalmente oposto. O pano em seguida foi dobrado ao redor de seus quadris e dos pés e o precioso fardo logo após amarrado com tiras. As mãos da criança costumavam ser presas aos lados do corpo, mas ocasionalmente eram soltas e talvez polvilhadas com folhas de murta em pó. Se a criança ainda estivesse envolta em panos, ela poderia ser facilmente carregada na viagem que fez ao Egito, e até mesmo ser amarrada às costas da mãe.

Quão gratos somos pelo nascimento do menino Jesus, mas será que não estamos dando maior ênfase a esse fato que a outras fases de sua experiência terrena? Costumamos considerar sua natividade como o evento que mais influenciou nossa vida? Seria

interessante perguntar por que estamos aqui. Qual foi o objetivo de nosso nascimento?

Isto nos faz lembrar que muitos bilhões de pessoas já nasceram aqui na terra.

Caim nasceu, mas terminou sua existência em completa obscuridade. Que fez ele de sua vida?

Nero também nasceu, porém a maneira pela qual conduziu sua vida parece não ter justificado tão grande bênção.

Adolph Hitler nasceu. Que fez ele de sua vida? Milhões de pessoas morreram de fome no campo de concentração de Dachau e em outras câmaras de tortura.

Sim, é verdade que os homens têm que morrer — todos nós faleceremos um dia. Milhões de pessoas passaram por esta vida sem que ninguém as notasse, completamente ignoradas e desconhecidas. A questão é, será que elas cumpriram a medida de sua criação mortal? Certamente não é um fato preponderante que os homens morram, ou a época em que faleçam, mas sim que não morram em seus pecados. Muitos indivíduos que viveram no período antediluviano morreram vergonhosamente com a alma cheia de transgressões, na ocasião em que se abriram as fontes dos céus.

Cristo morreu. Oh! Eis uma morte deveras significativa. Jesus realizou o sacrifício expiatório por nossos pecados, abrindo o caminho para que pudéssemos ressuscitar, indicando a maneira pela qual podemos viver uma vida perfeita e mostrando a senda que conduz à exaltação. Ele morreu por sua livre vontade. Seu nascimento foi humilde, sua vida perfeita, seu exemplo compelidor; sua morte abriu as portas para nós e ofereceu à humanidade todos os dons e bênçãos de real valia.

Talvez sua morte pudesse ter ocorrido muitos anos antes e cumprido apenas o primeiro dos requisitos: o de nos proporcionar a ressurreição e imortalidade. Todavia, por algum motivo foi necessário que ele vivesse um pouco mais — mesmo que fosse para ter uma existência cheia de perigos, para que pudesse estabelecer firmemente o caminho da perfeição.

Por mais de três décadas, ele viveu perigosamente. Desde o dia em que Herodes decretou e levou a cabo a terrível matança de criancinhas até o ato impiedoso em que Pilatos o entregou à turba sanguinária, Jesus atravessou perigos constantes. Tão grandes riscos correu ele, que até mesmo foi oferecida uma recompensa por sua captura, cujo preço final foram trinta moedas de prata. Parece que não somente os inimigos humanos desejavam complicar-lhe a vida, mas também seus amigos o abandonaram; como se isto não bastasse, Satanás e suas legiões o perseguiam incessantemente. Apesar de tudo, mesmo após sofrer morte prematura, parece que ele não queria deixar este mundo sem antes haver treinado melhor seus líderes. Por isto, ele permaneceu aqui na terra por mais quarenta e cinco dias, a fim de proporcionar um treinamento de liderança aos apóstolos e aos demais discípulos, para que eles se tornassem santos.

Ao examinarmos sua vida, vemos o cumprimento de uma profecia, pois, conforme o predito, foi um "homem de dores, e experimentado nos sofrimentos" (Isaías 53:3.) Como ele poderia conduzir efetivamente seu povo — mostrar-lhe a maneira pela qual poderia guardar seus mandamentos — a não ser que conhecesse tanto o sofrimento como a alegria? Como poderíamos saber que

é possível alcançar a perfeição individual, ou ainda, como um indivíduo sentiria o desejo de esforçar-se por alcançá-la, se alguém não provasse que tal meta seria atingível? Para tanto, ele atravessou inúmeras tribulações, dia e noite, durante toda sua existência.

Porém, cada dia de sua vida ele demonstrou seu poder, sua grande habilidade e energia. Desde a ocasião de seu nascimento, sua vida foi sempre cheia de percalços. Nascido numa manjedoura, sem gozar do mínimo conforto que era comum aos lares israelitas, foi um visitante indesejado, pois não havia lugar para ele na hospedaria.

Em outra época de sua vida, ainda na infância seus pais tiveram que levá-lo para um país distante, a fim de salvar sua preciosa vida, numa jornada cheia de perigos, feita com grande pressa e temor, uma viagem difícil para uma criança tão pequena, ainda necessitando dos cuidados maternos. Durante aquele percurso, ele sofreria penúrias, tempestades de areia, cansaço, além de ter que provar alimentos estranhos, em meio a costumes diferentes, numa terra nova e desconhecida. A viagem que fizeram a Nasaré foi uma das jornadas mais longas e árduas que teve de enfrentar, novamente para fugir à sanha de um governante desalmado.

Suas tribulações foram contínuas. Talvez Lúcifer, seu irmão, tenha ouvido Jesus dizer, quando tinha apenas doze anos de idade: "Não sabeis que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lucas 2:49). Então chegou a época em que Satanás procurou fazer com que ele caísse em tentação. A batalha que ambos passaram na preexistência tinha sido travada em igualdade de condições, mas agora, quando nesta vida, Jesus era apenas um jovem, e Satanás um

espírito experiente e, através de sutilezas e desafios, tentou destruir aquele Salvador que começava a surgir.

Porém a todas as insinuações feitas pelo adversário, ele respondeu com uma recusa categórica, "Vai-te, Satanás; porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás." (Mateus 4:10.)

Que existência solitária ele deve ter vivido! Já nem mesmo podia viver sua própria vida. Em quase todos os milagres que operou, ele pediu à pessoa que tinha sido curada, "Não digas nada a ninguém," (Marcos 1:44). Porém os aflitos, os enfermos que haviam sido alvo de seu poder e bondade, iam por toda parte e propagavam o que lhes tinha acontecido, "de modo que Jesus já não podia entrar abertamente numa cidade, mas conservava-se fora, em lugares desertos." (Marcos 1:45.)

Todos os seus pronunciamentos eram um desafio. Cabia-lhe defender todos os princípios. "Por que não jejuas?" "Por que seus discípulos comem sem lavar as mãos?" "Por que violas o Sábado curando nesse dia?" Os líderes dos sacerdotes

procuraram matá-lo por curar no dia santificado!

Já era penoso que seus inimigos tentassem fazer com que ele caísse numa cilada, porém até mesmo seus amigos "saíram para o prender; porque diziam: Ele está fora de si." (Marcos 3:21.)

Quem poderia oferecer lhe um pouco de compaixão? Será que era por esse motivo que Cristo freqüentemente subia às montanhas, em busca de um lugar seguro e do consolo de seu Pai? E assim ele vivia, solitário, sem ter ninguém com quem pudesse desabafar, sem um abrigo onde repousar. Como ele mesmo disse: "As raposas têm seus covis, e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça." (Lucas 9:58.) Sempre que Jesus subia as colinas, era seguido. Cruzava o mar e lá estava a multidão. Deitava-se no barco para repousar, e era rudemente acordado com criticismo: "Não se te dá que pereçamos? (Marcos 4:38.)

Mesmo quando estava prestes a seguir a trilha que o conduziria à morte, teve que dizer aos apóstolos que escolhera: "Não vos escolhi a vós doze? Contudo um de vós é diabo." (João 6:70.) Daquele dia em diante, caminharia ao lado de um traidor.

Quão solitário vivia! Em meio a quanta angústia! Ter que fugir e esperar, sabendo que a morte logo o alcançaria! "Pois não queria andar pela Judéia, porque os judeus procuravam matá-lo." (João 7:1.)

O Senhor fez tudo para viver incognitamente, "mas não pôde ocultar-se." (Marcos 7:24.)

Jesus sofreu uma das maiores desilusões, quando voltou para sua terra natal. Não houve qualquer demonstração de júbilo com sua vinda, apenas curiosidade e rejeição. "Não é este o carpinteiro, filho de Maria?" (Marcos 6:3.) É um menino comum, semelhante aos que brincam em nossas ruas, diziam eles.

Foi oferecida uma recompensa por sua captura. Jesus sempre foi ameaçado pela violência física. As pessoas tinham o prazer de revelar onde ele se encontrava, para que fosse capturado e morto. O fantasma da morte ia a sua frente, sentava-se com ele, caminhava a seu lado e o seguia.

Quão difícil deve ter sido para Jesus, que podia fazer com que uma figueira secasse mediante uma simples ordem, esquivar-se de amaldiçoar seus inimigos. Ao invés disso, Cristo orava por eles. É comum aos homens revidar, porém aceitar as afrontas como o Senhor o fez, é um gesto divino. Ele foi continuamente provado: quando permitiu que o traidor o beijasse, Jesus não resistiu; ao ser capturado pela turba sedenta de sangue, não consentiu que Pedro, seu leal apóstolo, o defendesse, embora aquele homem digno estivesse disposto a morrer, se fosse necessário, para defendê-lo.

Tendo doze legiões de anjos a seu dispor, recusou-se a usá-las e disse aos corajosos apóstolos que estavam a seu lado que o não defendessem. Permitiu que a turba o prendesse e o sujeitasse às maiores indignidades, sem ao menos revidar. Ele mesmo não tinha dito, "Amai aos vossos inimigos"? (Mateus 5:44.)

Com divina e imponente dignidade, suportou as afrontas, quando indivíduos perversos cuspiram em sua face. Jesus permaneceu majestoso, quando o arrastaram de um lugar para outro. Nem uma só palavra de rancor escapou de seus lábios. Bateram-lhe na face e socaram-lhe o corpo; não obstante, permaneceu resoluto e intimorato.

Ele seguiu literalmente sua própria admoestação, quando ofereceu a outra face a seus algozes, para que

nela batessem. Mesmo diante de tal covardia, não demonstrou qualquer sinal de servilismo, recusa ou contestação. Quando testemunhas falsas e mercenárias foram pagas para mentir a respeito dele, não dirigiu a elas a mínima condenação. Ao ouvi-las corromper suas palavras, dando-lhes um significado errôneo, permaneceu calmo e imperturbável. Ele não havia ensinado, "Orai pelos que vos perseguem"? (Mateus 5:44.)

Jesus Cristo, o único ser existente aqui na terra que havia criado o mundo e tudo o que nele vemos, que havia criado a prata com a qual tinham sido cunhadas as moedas com as quais fora vendido, ele, que poderia invocar defensores de ambos os lados do véu — permaneceu calado e sofreu.

Tampouco disse coisa alguma à multidão que exigia a liberdade de Barrabás, gritando, "Solta-nos Barrabás." (Lucas 23:18.) Nem mesmo quando a turba gritou, pedindo seu sangue, dizendo, "Crucifica-o! Crucifica-o!" (Lucas 23:21) — ele demonstrou o menor sinal de amargura, rancor ou condenação. Seu semblante permaneceu tranqüilo. Ali estava o perfeito exemplo de dignidade divina, poder e autodomínio. Barrabás em troca de Cristo! Barrabás liberto e Jesus crucificado. O pior em troca do melhor; o justo pelo injusto; o Unigênito crucificado, o transgressor pervertido solto. O Senhor não procurou vingar-se, dizer imprecações ou condenar aqueles infelizes.

Todavia, maiores provações o aguardavam. Ainda que considerado inocente, Jesus foi açoitado. Homens indignos supliciaram o puro Unigênito, o Filho de Deus. Uma palavra sua e todos os seus inimigos cairiam por terra, destruídos. Um comando seu e todos os seus algozes teriam perecido, transformados em

pó e cinzas. Entretanto, com majestosa serenidade, ele preferiu sofrer.

Então chegou o momento em que lhe foi colocada uma coroa de espinhos. Quão doloroso e cruel deve ter sido esse suplício! Porém, mesmo naquele instante, continuou sereno! Que portentosa energia! Que soberbo autocontrole! Sua atitude foi inacreditável.

O sangue arrancado pelos espinhos parecia ser o que eles desejavam. Não fora a turba mesma que dissera, "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos"? (Mateus 27:25.) Agora nada podia impedir que eles levassem a cabo seus nefandos desígnios. A multidão estava ansiosa de saciar sua sede de sangue, e a crucificação faria com que ela se aplacasse, mas primeiro tinham que satisfazer seus apetites bestiais, seu sadismo; antes de tudo, precisavam ainda lançar sua infecta saliva ao sagrado rosto, com desumana crueldade.

O povo fez com que o corpo ferido e ensangüentado do Salvador carregasse a pesada cruz que serviria

para seu próprio suplício. Os malvados, que tinham as fortes costas livres de qualquer fardo, presenciaram com inclemência o Mestre, o rosto coberto de suor, com grande esforço levantar o pesado madeiro e colocá-lo ao ombro, uma pobre vítima indefesa. Mas será que ele estava mesmo indefeso? As doze legiões de anjos por acaso ainda não se encontravam sob seu comando? Não estavam elas com as espadas desembainhadas, esperando suas ordens? Não estavam os anjos, com profunda agonia, contendo a custo o desejo de vir ajudá-lo?

Mas ele tem que sofrer tudo até o fim. Chega o momento em que os pregos são cravados em suas mãos e pés, trespassando sua carne macia e trêmula. A agonia aumenta. A cruz é fixada ao solo; a carne começa a sangrar. Que dor insuportável! Então são afixados cravos ao pulso, para assegurarem-se de que o corpo não caia ao solo e seja levado pelos discípulos.

A zombaria aumenta à medida que a gentalha se aproxima e olha para o alto, sorrindo velhacamente, proferindo blasfêmias e escárnios. "A outros salvou; a si mesmo não pode salvar." (Marcos 15:31.)

Que tentação deve ter sido para o Senhor, que poderia facilmente naquele instante descer da cruz, sem quaisquer cicatrizes ou ferimentos! Que desafio deve ter sido para ele recusar-se a revidar. Mas no Getsêmani já havia tomado uma firme decisão, e suado grandes gotas de sangue, em profunda angústia, quando aceitou a missão que o Pai lhe dera — de ir avante, suportar as enormes indignidades que lhe seriam infligidas, e sofrer até o fim, para proporcionar a vida eterna àqueles mesmos seres que ali estavam, e a todos os seus descendentes, se atendessem a sua voz.

Agora que sua vida mortal chegava rapidamente ao clímax, ele procurou controlar-se, vencendo a tentação de "mostrar" seu poder. Obviamente Lúcifer, que havia tentado o Senhor no deserto, na montanha e no pináculo do templo — por certo havia feito um bom trabalho, colocando palavras maldosas na boca de seus seguidores: "Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo." (Lucas 23:37.) O ladrão, pendurado na cruz, disse com sarcasmo: "Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós." (Lucas 23:39.) Ao redor da cena do holocausto, havia ainda outras pessoas de idêntico temperamento, porém menos criminosas em suas perseguições. Os sacerdotes arrogantes, com seus longos mantos finamente bordados, os líderes do povo — seres humanos vis, mesquinhos e decaídos — também ali estavam para deleitar os olhos, jactarem-se, zombar e escarnecer.

Sua hora final havia chegado. Ali estava ele completamente só, embora estivesse cercado por uma grande multidão. Sozinho, tendo a sua volta as hostes celestiais ansiosas de consolá-lo. Sozinho, mas tendo junto dele seu Pai que nutria pelo Filho a mais profunda compassividade, sabendo que ele teria que trilhar sem sua ajuda aquela senda tortuosa e sangrenta. Sozinho, exausto, febril e moribundo, Jesus clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46.) Sozinho ele esteve no Jardim do Getsêmani — orando a fim de ter forças para beber a amarga taça.

Ele havia ensinado, "Amai aos vossos inimigos" (Mateus 5:44.) Naquele momento, Cristo demonstrava o quanto podia amá-los: estava morrendo na cruz por aqueles que o tinham nela cravado. Ao morrer, Jesus sofreu agonias que homem algum

até então havia suportado. Não obstante, rogou. "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34.) Não foram estas suas últimas palavras — o ato supremo? Que divino gesto: o de perdoar aqueles que o estavam matando — que clamavam irados pedindo seu sangue! Ele dissera: "Orai pelos que vos perseguem" (Mateus 5:44), e ali estava o Senhor, orando por seus algozes. Sua vida foi um reflexo perfeito de seus ensinamentos. "Sede vós, pois, perfeitos," ensinou ele. Através de sua vida, morte e ressurreição, Jesus realmente estava-nos mostrando o caminho.

Assim como a ressurreição, a morte e a vida são importantes para alcançarmos a perfeição, também o é o nascimento. Tendo isto em mente, meu pensamento se volta outra vez para Belém, a moderna cidade de Belém. Minha esposa e o grupo de turistas com quem estávamos, caminhávamos junto com as multidões cada vez maiores, e éramos por ela empurrados e acotovelados. Era como se nos afogássemos num oceano de inúmeros corpos e faces. Naquela circunstância, era difícil nos concentrarmos no motivo sagrado de nossa vinda. Pouca coisa existia na colina que pudesse aumentar nossa reverência ou satisfazer a ansiedade que tínhamos de ficar sozinhos com nossos pensamentos.

Pedimos ao motorista do táxi que nos levasse até a colina, de onde se poderia ver o campo dos pastores. Abaixo de nós, no pequeno vale, encontrava-se o campo de Boaz e Rute. A nossa frente, víamos as planícies ondulantes, onde os pastores certa vez guardavam seus rebanhos. No sopé da colina, existe uma gruta cuja frente está voltada para aquele pequeno vale. Ali, segundo a tradição, os pastores dormiram e vigiaram naquela memorável noite.

Uma caverna como aquela os protegeria do frio durante a noite, e ao mesmo tempo permitiria que vigiassem os rebanhos. Ali, vislumbrando o vale, único lugar adjacente a Belém, onde podíamos encontrar a solidão de que necessitávamos, permanecemos no escuro, olhando o céu estrelado, como fizeram os antigos pastores.

Os anjos não cantaram naquela noite? Nós também parecíamos ouvir uma melodia soturna, fracamente audível, mas que, em sinfônica harmonia, penetrava até o fundo de nossos corações. Era como se ouvíssemos um canto em uníssono, um hino inesquecível, um cântico ressoando através dos tempos: "Glória a Deus nas maiores alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens! (Lucas 2:14.)

No momento em que a emoção daquelas palavras divinas fez vibrar as cordas de nossa alma, nós quatro começamos a cantar: "Pequena vila de Belém, repousa em teu dormir," (Hinário, nº 119.), e permanecemos bem juntos no meio da noite estrelada, com as golas de nossos agasalhos bem fechadas ao

pescoço — fisicamente juntos, mental, espiritual e emocionalmente unidos; e juntos gozamos daquele momento inspirador. Sem ter outra luz para nos iluminar que a dos cintilantes luzeiros dos céus, sem ouvir nenhum outro som que o murmúrio de nossas próprias vozes. Nosso Pai Celestial parecia, naquele momento, estar muito, muito perto, e sentíamos que seu Filho se achava junto de nós. Naquele instante, elevamos uma oração que foi tão uníssona, que parecia ter sido proferida por uma única voz, e quatro corações derramaram todo o amor e gratidão que sentiam, e nossa prece se elevou, misturando-se a todas as orações que a humanidade pronunciava naquela noite.

Nela elevamos toda nossa gratidão e demonstramos nosso profundo amor. E, como se as comportas de uma represa que há muito se encontrassem fechadas, de repente se abrissem libertando seus reclusos mananciais, com as vozes quase inaudíveis, impregnadas de sublime reverência, suavizadas pelas intangíveis forças celestiais, sinceramente elevamos uma prece de ação de graças: Somos gratos, Pai Celestial, por sabermos de maneira tão positiva que viveis, por termos plena convicção de que a criança que aqui nasceu foi verdadeiramente vosso Filho; somos gratos pelo programa de vossa Igreja ser real, operável e exaltador. Dissemos-lhe que o conhecíamos, que o amávamos e o seguiríamos. Rededicamos nossa vida a sua causa, e também tudo o que possuímos.

Muitos anos se passaram desde aquele inesquecível instante, mas toda vez que chega esta época maravilhosa, dedicamo-nos novamente a seu trabalho — e convidamos as pessoas de todo o mundo a se unirem conosco em nossas orações de júbilo, amor e gratidão pela vida e ensinamentos de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Idéias para os Mestres Familiares

1. Conte uma experiência pessoal que o ajudou a melhor compreender a influência do Salvador em sua vida, ou conte uma das muitas e lindas histórias das escrituras que mostram o amor e interesse do Salvador.

2. Pergunte aos membros da família se têm uma experiência pessoal que os ajudou a melhor apreciar a vida e missão do Salvador.

3. Encoraje os membros da família a adquirir o hábito de estudar a vida do Salvador, a fim de que cheguem a conhecê-lo melhor e viver como quer que vivamos.

4. Há neste artigo citações ou versículos de escritura que a família poder ler em voz alta, ou uma escritura suplementar que você deseja ler com ela?

5. Este debate seria mais proveitoso após uma conversa preliminar com o chefe da família?

EM HONRA DO SENHOR

Joy Saunders Lundberg

Tínhamos uma convidada especial, que compartilharia conosco daquela noite familiar que realizaríamos um pouco antes do Natal. Estávamos sentados na sala-de-estar e eu lhe revelei por que razão a tínhamos junto de nós: "Marie, temos observado suas atitudes e visto que você é uma pessoa que ama ao Salvador. Como não podíamos convidá-lo para estar conosco pessoalmente na ocasião em que celebramos seu nascimento, decidimos convidar alguém que se está esforçando para ser como ele. Escolhemos você."

Marie é uma adorável jovem, solteira, que apesar de seus problemas pessoais, procura, sigilosamente, fazer o bem a seus semelhantes. Lágrimas toldaram-lhe os olhos, quando cada um de nossos filhos relatou o que havia observado no comportamento cristão daquela moça.

Quando, porém, chegou a vez de nosso filho de oito anos abrir seu coração, ele estava tão grato, que mal conseguiu falar. No início daquele ano, ele havia necessitado de um auxílio adicional para resolver um problema de leitura que tinha, e Marie trabalhou junto com ele durante todo o período de férias, tentando ajudá-lo a melhorar sua habilidade — e recusou-se a receber qualquer pagamento por aquele trabalho. Agora, muitos meses depois, ele finalmente estava conseguindo alcançar bons resultados na escola.

Todos os que ali se encontravam sentiram a profunda emoção que nosso filho estava tentando transmitir. Tão sagrado era aquele momento, que parecia ter Jesus chegado para ficar conosco.

A emoção espiritual que nos envolveu naquele Natal nos ajudou a resolver firmemente que, em todos os natais futuros, convidaríamos alguma pessoa ou família cristã para nos visitar e honrar o Salvador naquela ocasião. Ao fazer isso, fomos inspirados a nos esforçar ainda mais, todos os dias de nossa vida, para sermos cada vez mais como Jesus Cristo.

Adaptação de um discurso proferido num serão domingueiro interestacas, realizado no domingo, 2 de maio de 1980.

ORAÇÃO — TENTE OUTRA VEZ

Bispo H. Burke Peterson
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente.

O maior objetivo e desafio que temos na vida é o de aprender a conhecer o Salvador. A melhor maneira pela qual fazemos isto é viver uma vida semelhante à dele, guardando os mandamentos. Aprendemos a conhecê-lo ainda mais, quando testificamos a respeito dele. Porém, o único meio de alcançarmos plenamente esse objetivo na vida é fazer ambas as coisas. O mundo está cheio de indivíduos bondosos que fazem coisas maravilhosas, mas não são capazes de testificar do Salvador e de sua missão.

Ao nos esforçarmos por viver dignamente, todos temos de passar por provações, desapontamentos, desânimo e frustrações. Parece que somos afligidos constantemente por toda sorte de problemas. Não existe quem não os tenha. É difícil evitá-los, ninguém está isento deles.

Na época em que servi como bispo e presidente de estaca no Arizona, eu sinceramente acreditava que as Autoridades Gerais eram pessoas felizes, pois nada tinham com que se preocupar, exceto em dirigir a Igreja. Então chegou o dia em que eu também fui chamado para ser uma Autoridade Geral, e descobri que todas elas enfrentam problemas semelhantes aos de outras pessoas — quer sejam de natureza pessoal, familiar ou de saúde — costumam ser um desafio até mesmo para o melhor deles. E minhas provações são de tal sorte, que não gostaria de trocar com as deles.

O problema de saúde que o Presidente Kimball vem enfrentando é do conhecimento geral. Lembro-me de certa ocasião, anos atrás, quando fui chamado para servir no Bispado Presidente, e fomos convidados a

entrar numa das salas do templo, onde as Autoridades Gerais seriam designadas. Antes que isso acontecesse, íamos dar uma bênção ao Presidente Kimball, que naquela ocasião era Presidente do Quorum do Doze, porque ele ia submeter-se a uma delicada intervenção cirúrgica de coração aberto, dentro de alguns dias.

No momento em que o vi sentado em sua cadeira, com os apóstolos impondo as mãos sobre sua cabeça, pensei comigo mesmo: "Por que? Por que um homem que já suportou tantas aflições até agora, ainda tem que passar por uma cirurgia de coração aberto?" Eu tinha certeza de que o Senhor poderia curá-lo imediatamente, se assim quisesse, e perguntava a mim mesmo por que não o fazia. Mas agora entendo, como tenho certeza de que compreendeis, que o Senhor estava preparando um homem, um apóstolo, para ser o profeta. Ele desejava ter um profeta e presidente que o atendesse, que pudesse receber as inspirações do Espírito, e que tivesse a mente aberta para aceitá-las.

Estes são alguns motivos por que todos nós enfrentamos continuamente as mais diversas provações. Precisamos dessas experiências, para que possamos achegar-nos mais perto do Senhor, e aprendamos que dependemos dele em todas as coisas. É isso o que ele requer de cada um de nós. Mais do que tudo, o Senhor quer que o conheçamos.

Muitas pessoas acham difícil orar, porque não têm certeza de que o Senhor está ouvindo; ou talvez nem mesmo estejam certas de que ele está presente; ou, quem sabe, considerem-se culpadas ou indignas. Seja qual for o motivo, o mais provável é que a comunicação que elas têm com os céus deve estar deficiente.

Alguma vez já lhes aconteceu de se ajoelharem em oração secreta, pedindo ao Senhor que lhes concedesse algo que consideravam importante, e de, em seguida, se levantarem, sentindo que a oração não foi respondida da maneira que desejavam? Eu também já tive essa impressão. Alguma vez já oraram diversas vezes durante muitos dias, procurando obter alguma coisa muito especial, e depois descobriram que não aconteceu aquilo que tanto esperavam? Eu já passei por isso. No passado, em muitas ocasiões, levantei-me do chão após haver orado e sentido, com desespero: "De que adianta continuar tentando, se ele não está ouvindo?" ou "Talvez eu não esteja digno," ou ainda, "Talvez eu não esteja entendendo os sinais."

Há alguns anos, depois de tantas experiências frustradas com a oração, eu me encontrava pensando a respeito de muitas coisas que passei ao lado de meu pai terreno, que havia falecido há muito tempo. Lembrei-me de que, quando ele vivia, eu sempre me dirigia a ele para conversar a respeito dos mais diversos assuntos, e ele sempre me ouvia. Meu pai não era um homem perfeito, mas procurava escutar-me. Quero que saibam que tenho plena convicção de que, quando algum dos filhos de nosso Pai Celestial se ajoelha e fala com ele, o Senhor o atende. Tenho certeza disto como de qualquer outra coisa que sei neste mundo — que o Pai Celestial ouve cada oração de seus filhos. Eu sei que nossas preces sobem aos céus. Não importa o que tenhamos feito de errado, ele sempre está disposto a nos escutar.

Creio também que ele atende às

nossas orações. Tenho certeza de que ele não ignora seus filhos quando eles procuram falar-lhe. Se existe algum problema em nossa comunicação, é porque nem todos nós aprendemos a ouvir as respostas, ou talvez não estejamos preparados para ouvir ao Senhor. Creio que recebemos respostas do Altíssimo, quando estamos preparados para recebê-las.

No decorrer de nossa vida, muitas vezes construímos uma parede de pedra entre nós e os céus, a qual é formada pelos pecados de que não nos arrependemos. Por exemplo, em nossa parede, existem pedras de diversas formas e tamanhos. Algumas delas podem ser acrescentadas, porque fomos indelicados com alguém. O ato de falar mal dos líderes ou professores pode fazer surgir outra pedra. A falta de perdoarmos aos nossos semelhantes acrescenta outra maior. Os pensamentos e ações vulgares podem colocar algumas pedras bastante grandes nessa parede. A desonestidade aumentará mais uma; o egoísmo outra, e assim por diante.

Apesar de construirmos uma muralha diante de nós, quando suplicamos ao Senhor, ele ainda nos envia suas mensagens dos céus, porém em vez de conseguirem penetrar em nossos corações, chocam-se contra a parede que construímos e ricocheteiam. Quando os conselhos do Senhor não conseguem chegar ao nosso íntimo, costumamos dizer: "Ele não me ouve", ou "O Senhor não me respondeu." Há ocasiões em que essa parede se torna enorme, e o desafio que temos é de destruí-la, ou, em outras palavras, de limpar nosso íntimo, de purificar esse vaso interior, para que possamos estar em sintonia com o Espírito.

Quando algum dos filhos de nosso Pai Celestial se ajoelha e fala com ele, o Senhor o atende.

Permitam-me citar alguns exemplos. Creio que todos nós conhecemos alguém que nos fez algo de que não gostamos, que nos fez ficar zangados. Não conseguimos esquecer o incidente, e a partir daquele momento, passamos a evitar aquela pessoa. Essa atitude é chamada de inclemência. Pois bem, o Senhor tem uma mensagem muito profunda a transmitir àqueles que não perdoam uns aos outros. Há muitos anos passei por uma experiência em que demonstrei ser inclemente. Tive a impressão de que alguém se havia aproveitado de minha boa vontade e não gostei do que aquela pessoa fez. Eu não queria nem mesmo chegar perto dela. Quando ela vinha por um lado da rua, eu passava para o outro, evitando ter de falar-lhe. Depois de muito tempo, quando eu já devia ter esquecido aquele caso, ainda continuava gravado em minha mente como uma ferida. Decidi, então, orar para ter um sentimento mais amigável para com aquela pessoa. Naquela noite, ajoelhei-me e abri o coração diante do Senhor. Quando me levantei, a situação ainda não havia mudado. Na manhã seguinte, ajoelhei-me novamente, orei e pedi ao Senhor que me ajudasse a apreciar aquele indivíduo; porém, ao terminar, ainda não gostava dele. Na noite seguinte, aquele sombrio sentimento ainda persistia; uma semana depois também. Passou-se mais um mês e a situação não havia mudado, embora me houvesse dirigido ao Senhor todos os dias, pela manhã e à noite. Mas a falta de uma resposta não me fez desistir. Continuei a chamá-lo, e finalmente não apenas a orar, mas a implorar ao Senhor que me atendesse. Depois de muito insistir, chegou o dia em que reconheci, sem qualquer dúvida, que se fosse necessário eu poderia apresentar-me diante do Senhor, e ele saberia que, pelo menos neste caso, meu coração estava inteiramente puro. Depois de algum tempo, ocorreu uma transformação. A pedra da inclemência havia sido removida.

Nossa capacidade de receber inspiração do Espírito e de escutar as respostas às nossas orações é determinada pela maneira como vivemos. É preciso também que não haja qualquer dúvida quanto a isso. Nosso Pai Celestial realmente responde às nossas orações, porém acontece que, às vezes, não estamos preparados para ouvi-lo. Algumas orações são respondidas imediatamente, ao passo que outras demoram mais, porém isto não nos deve deixar desanimados.

Há alguns anos recebi a designação de ir à Alemanha. Antes de partir, eu estivera doente, com gripe, e não estava muito certo de que devia ir, mas achei que precisava ir, pois tudo fora planejado e muitas pessoas dependiam de mim. Depois que voei de Nova Iorque a Frankfurt, Alemanha, senti-me exausto e que algo não estava bem. Eu me achava sozinho naquela cidade, e não falava o idioma local, por isto segui diretamente para o hotel. Antes de recolher-me ao quarto, fui à farmácia e comprei um medicamento acondicionado num vaporizador, para desinfetar a garganta, o qual tinha um tubo de plástico na ponta. O remédio era aplicado colocando-se o tubo na boca e pressionando a válvula de aplicação.

Fui para o quarto e preparei-me para descansar; porém, quando comecei a vaporizar a garganta, o

tubo de plástico soltou-se e entrou em minha traquéia até o meio do peito. Eu não podia senti-lo, mas sabia que, em alguma parte, havia um tubo de plástico de sete centímetros e meio, e não sabia o que fazer. Procurei retirá-lo tossindo. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para livrar-me dele. Então comecei a ficar preocupado — não com medo de morrer, pois sabia que minha hora ainda não havia chegado, mas sim porque muitas pessoas me esperavam nos diversos países aonde iria nas três semanas seguintes, e sabia que, se algo não acontecesse imediatamente, eu teria que ser submetido a uma intervenção cirúrgica para remover o indesejável objeto. Precisava de ajuda imediata. Ajoelhei-me ao lado da cama e disse ao Senhor que eu não tinha a quem apelar; não falava alemão nem conhecia médico algum naquele lugar. Eu não conhecia ninguém e havia muitas pessoas esperando por mim. Pedi-lhe que, por favor, removesse o tubo. Levantei-me, e em dois segundos, ele saiu de minha garganta. Como podem ver, algumas respostas às orações chegam imediatamente.

Há outras ocasiões em que ficamos imaginando se nossas orações algum dia serão respondidas. Nossa quarta filha está atualmente com vinte e dois anos. No dia em que nasceu, o médico disse que minha mulher não poderia mais ter filhos. Falei a respeito disso com ela e minha mulher disse: "Sinto que há uma outra criança a nossa espera." E assim decidimos, naturalmente, que teríamos outro bebê.

Pois bem, passou-se um ano e o bebê não chegou, em seguida passaram-se mais dois com o mesmo resultado. Finalmente, após oito anos

Muitas vezes as orações são respondidas de imediato, mas há ocasiões em que demora muito, muito tempo para recebermos o que desejamos.

de oração, minha esposa me disse: "Adivinhe uma coisa. Nós vamos ter um bebê." Como podem ver, muitas vezes as orações são respondidas de imediato, mas há ocasiões em que demora muito, muito tempo para recebermos o que desejamos.

Quando aprendermos a ouvir os sussurros do Espírito, e nos prepararmos para recebê-los, devemos também aprender a pôr em prática o que nos for inspirado. Um dos maiores desafios que temos na vida é o de viver de modo que possamos receber as mensagens dos céus e ter coragem para obedecer a elas.

Sejam quais forem as circunstâncias, em situações boas ou más, rogo que façam o seguinte:

Hoje à noite, se puderem, procurem dirigir-se a um lugar onde possam estar sozinhos. Mesmo que não estejam a sós, não deixem de fazer o que digo.

Pensem um pouco a respeito do que pedir em oração, pois muitas vezes nos ajoelhamos e começamos a falar tão rapidamente, que mal nos damos conta de a quem nos estamos dirigindo. Nestas ocasiões, costumo tentar retratar mentalmente a imagem do Salvador. Não tenho muita certeza de como o Pai Celestial se parece, mas esse pensamento me dá algo que posso contemplar, quando estou ajoelhado.

Então, quando imaginarem a quem estão orando, falem em voz alta com ele, ou, se desejarem, murmurem-lhe seu pedido. Dirijam-se a ele como a seu Pai e transmitam o que gostariam de lhe dizer. Sejam sinceros ao falar com ele e digam tudo aquilo que vai em seus corações. Agradeçam-lhe pelo que ele tem feito por vocês. Tenham confiança nele, permitam que o Senhor conheça seus sentimentos. Peçam-lhe ajuda. Desfrutem de seu Espírito. Digam-lhe que o amam. Não sei quantos de vocês já tiveram a oportunidade de orar em voz alta e de dizer ao Senhor que o amam, mas posso assegurar-lhes que é uma grande experiência.

Depois que tiverem conversado com ele, parem para ouvir. É necessário ouvir cuidadosamente, ou não perceberão as respostas. Há ocasiões em que as pessoas oram apenas por um, dois, cinco ou quinze minutos, e depois não esperam um segundo que seja para escutar a resposta. Seria talvez, bem diferente, se vocês permanecessem ajoelhados ao lado da cadeira ou cama (após terem orado), por um minuto, dois, cinco ou quinze, até terem aquela sensação cálida de que receberam uma resposta. Então vocês saberão que o Senhor ouviu suas orações. Então saberão que ele está presente, e que, afinal encontraram um meio de permitir que as mensagens dele entrem em seus corações. Aqueles que sentem o Espírito desfrutam de uma sublime experiência.

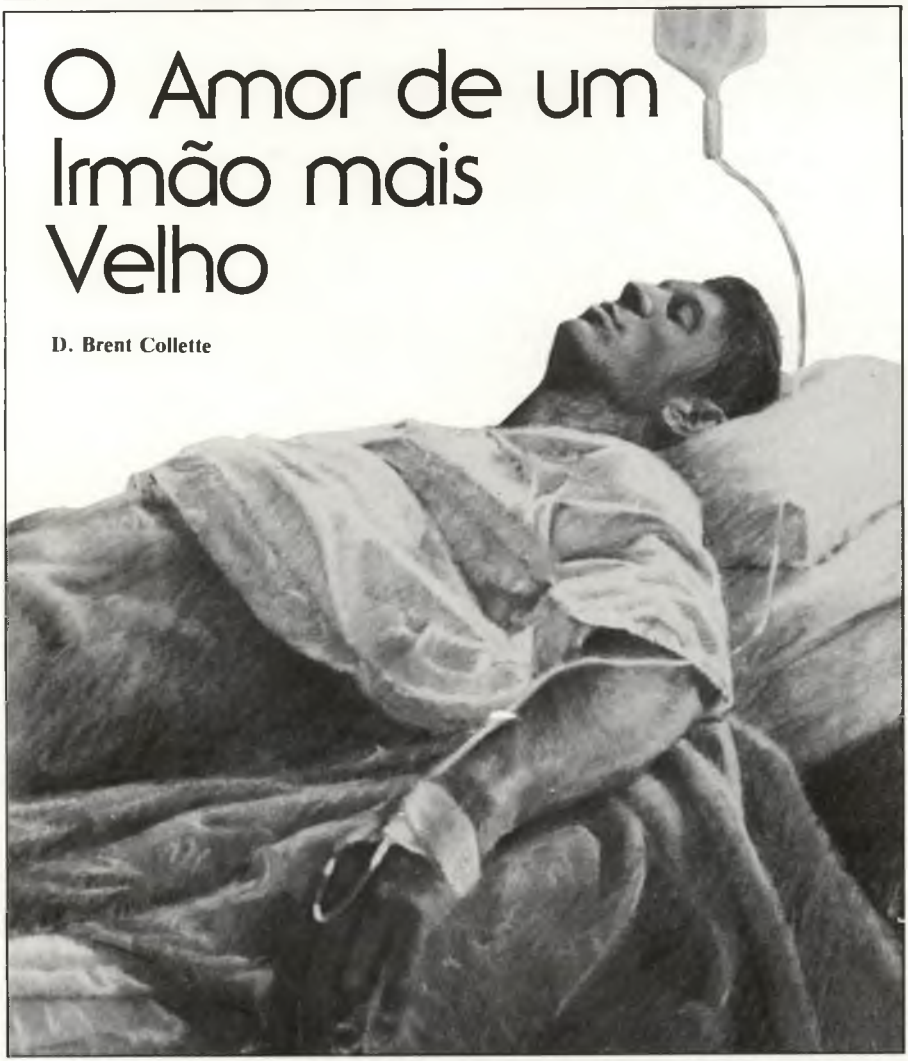
Testifico-lhes que o Senhor está nos céus. Eu sei que ele nos ouve e responde às nossas orações. Sei também que devemos estar preparados para ouvi-lo. Sem a oração, jamais conheceremos realmente a nosso Pai Celestial e a seu Filho, o Salvador; e sem ela, jamais poderíamos voltar a sua presença.

É fácil ser uma pessoa com paz de espírito — basta esquecer as dificuldades com a mesma rapidez que esquecemos as bênçãos.

Anônimo

O Amor de um Irmão mais Velho

D. Brent Collette



Tive uma das maiores alegrias de minha vida certa vez em que minha família estava espiritualmente unida, procurando fazer com que o Senhor me ajudasse, oferecendo-me seu apoio numa época de intenso sofrimento. Aprendi, por experiência própria, por que razão o Senhor nos reuniu em sagrados grupos, chamados família.

Quando eu estava cursando o último ano da faculdade, contraí uma grave infecção renal. Durante os anos seguintes, minha saúde foi piorando cada vez mais, chegando

ao ponto em que a situação se tornou verdadeiramente crítica. Apesar de estar recebendo os melhores cuidados médicos, a enfermidade acabou destruindo ambos os rins.

Em janeiro de 1968, fui internado no Centro Médico da Universidade de Washington. Meus pais foram chamados e informaram-lhes que meu estado era tão grave, que eu provavelmente não viveria até o dia seguinte.

Meu pai e um de meus amigos deram-me uma bênção; minha mãe retirou da bolsa uma cópia de minha bênção patriarcal e leu diversas passagens. Mamãe prestou testemunho e depois colocou a folha de papel em minhas mãos, dizendo: "Você tem uma grande missão a cumprir, e o Senhor quer ajudá-lo, mas você precisa fazer sua parte, Brent." Em seguida, inclinou-se e me deu um beijo de boa-noite.

Meu pai também prestou testemunho, apertou-me a mão e disse-me, dando-me uma palmadinha amigável no peito: "Boa-noite, meu filho, viremos vê-lo novamente amanhã."

Fiquei sozinho na solidão de meu quarto de hospital, sozinho com meus pensamentos, lembranças e uma bênção.

Lembrando-me do que minha mãe dissera, comecei a invocar o Pai Celestial, algo que nunca havia feito com real intento. Ao orar, de início senti a amargura de uma vida que havia deixado de alcançar seu potencial. Todavia, ao prosseguir, aquele sentimento foi desaparecendo e senti como se um pesado fardo tivesse sido retirado de mim. Agora eu estava novamente em paz — tranqüilo, confortado e certo de que minha oração havia sido respondida. Eu sabia, de todo o coração, que tudo correria bem.

Levei duas semanas para recuperar a energia de que necessitava para deixar o hospital, e mais sete meses transcorreram até receber o primeiro tratamento num rim artificial. Porém foi um tempo bem aproveitado, pois havia realmente decidido descobrir em que consistia o evangelho de Jesus Cristo.

O primeiro projeto que estabeleci foi o de ler todo o Livro de Mórmon. Durante muitas horas, estudei diariamente aquele fabuloso livro de escrituras, obtive um testemunho de sua veracidade e adquiri um profundo amor àquela obra. Agora minha vida tinha um significado. Era como se uma luz tivesse começado a brilhar em meu íntimo e eu conseguisse ver e entender todas as coisas como nunca em minha vida. Eu estava edificado, instruído e espiritualmente vivificado. Hoje, ao relembrar aquele período difícil, vejo que provavelmente foi o mais significativo de minha vida mortal.

Durante os primeiros anos em que começou a ser implantado o tratamento no rim artificial, seu custo e longo internamento hospitalar significavam que ele era restrito apenas a algumas pessoas mais afortunadas. O pessoal encarregado do centro de doenças renais tinha a responsabilidade de determinar quem iria receber o tratamento ou não. Quando

procurei aquele departamento, tive a firme convicção de que meu caso seria rejeitado por falta de qualificações. Afinal de contas, eu era solteiro, não tinha dependentes, não ganhava praticamente nada e não possuía recursos. Havia porém, algo valioso que me encorajava — uma super-família — e os médicos sabiam disso. Eles chegaram à conclusão de que, devido ao fato de eu possuir uma família unida e cooperadora, sempre teria ao meu redor pessoas interessadas em me ajudar e tomar conta de mim. Esse fato me tornou um bom candidato a usar uma nova máquina renal que poderia ser usada em casa — até que eu pudesse ter um transplante.

Aprendi muita coisa durante aqueles três anos em que estive usando o rim artificial. Minha fé no Senhor cresceu ao ver que sua mão guiava minha vida. Fiquei mais unido a minha família, e apesar de usar aquele complicado equipamento, eu amava a vida mais do que nunca. Jamais me senti tão livre, tão feliz. Todavia, ansiava por ver o dia em que me livraria de meu companheiro mecânico.

Essa meta, como muitas outras, tornou-se um projeto familiar. Dedicamos muitas noites e entrevistas familiares ao debate das alternativas do processo de diálise e as justificativas para que fosse realizado um transplante de rim.

Lembro-me de uma semana memorável em que a família estava reunida após um longo período de separação. Missões, casamentos e estudo nos haviam separado por muitas partes do planeta durante algum tempo. Chegou o Natal de 1970, o qual, como um ímã, fez com que nos reuníssemos novamente.

Naquela semana, conversamos durante muito tempo a respeito de minha saúde. Todos os membros da família haviam estudado a possibilidade de um transplante de rim, e cada um deles se havia oferecido para ser o doador.

Uma tarde, quando jogava basquete com meus irmãos, saí por um momento do jogo e fiquei observando-os. Cada um deles era um soberbo atleta. Craig havia sido candidato à equipe olímpica de natação; agora ele estava casado e tinha sua própria família. Barry tinha sido um dos melhores jogadores de futebol do estado, e agora era um hábil esquiador. Kevin tornou-se um dos melhores jogadores universitários de basquete do estado.

"De qualquer forma, obrigado," pensei com os olhos rasos d'água. "Amo a todos vocês pelo que estão tentando fazer, mas simplesmente não posso aceitar esse sacrifício!"

Depois do Natal, Barry voltou para a Universidade de BrighamYoung, e Craig e sua família para a Califórnia, onde moravam. Eu, por minha vez, envolvi-me ativamente na obra missionária, e todos nós, assim, voltamos à vida normal.

Certo dia, ocorreu um incidente maravilhoso e inesperado durante as orações familiares. Meu pai proferiu a oração, e quando ele a terminou, todos sabíamos o que iria acontecer. Com lágrimas nos olhos, conversamos a respeito do

que sentíamos. Sim, cada membro da família havia recebido idêntica confirmação. Devíamos realizar o transplante.

Ao fazer uma análise retrospectiva, creio que aquela decisão provavelmente foi o maior milagre de todos. A lógica e os sentimentos pessoais já não importavam mais; conhecíamos o que o Espírito nos havia ordenado fazer.

Naquela noite falei com meu irmão Barry, em Provo, Utah, por telefone, a respeito do transplante. Expliquei-lhe tudo sobre a resposta que tínhamos recebido e pedi-lhe que orasse a respeito dela. Não foi necessário, porém, e Barry aceitou prazerosa e imediatamente, dizendo que também havia orado muitas vezes acerca daquele assunto e estava apenas esperando meu chamado. Disse-lhe que podíamos esperar até o mês de junho, mas no dia seguinte, ele faltou às aulas e veio visitar-nos.

Quando Barry chegou, entretanto, a equipe médica descobriu que ele criara imunidade a uma doença transmitida por pombos, enquanto cumpria missão no México, e eles temiam que isso causasse uma reação negativa quando eu tomasse os remédios que seriam necessários após o transplante. Para grande desapontamento de meu irmão, os médicos determinaram que seu rim não serviria para o transplante.

Cerca de duas semanas depois, realizamos outra daquelas noites familiares especiais, e novamente sentimos que devíamos realizar o transplante. De novo telefonei para um de meus irmãos, desta vez era Craig, e de novo recebi uma resposta positiva.

Dentro de uma semana, Craig, Penny, sua esposa, e Jason, seu filho de um ano de idade, vieram da Califórnia. Naquela mesma tarde, fui internado no hospital, e meu irmão no dia seguinte.

Nossos nomes foram colocados na lista de orações de seis templos, de Londres até Los Angeles, pelos amigos da família.

Na noite que precedeu a cirurgia, realizamos uma noite familiar no quarto do hospital. Num determinado momento, tentei dizer à família que não valia a pena meu irmão correr o risco ou sacrifício para realizar o transplante. Mas papai olhou para mim seriamente, e colocando a mão em meu ombro, disse com ternura: "Todos nós sentimos que é isto o que o Senhor deseja, e seu irmão está orgulhoso de poder fazer isto. Lembre-se, Brent, todos nós viveremos para vê-lo correr novamente pelo jardim, com um grande sorriso nos lábios.

A cirurgia teve início na manhã seguinte, às 6 horas da manhã, com a enfermeira aplicando-me um anestésico. No final do dia, quando abri os olhos, vi papai e mamãe à minha cabeceira. Eu estava de volta ao quarto do hospital, e sabia que tudo havia corrido bem.

Lembro-me de ter visto, de relance, outros membros da família naquela noite, mas não pude encontrar Craig." Onde está Craig? Como ele está passando?"

A mão bem conhecida de meu pai descansou sobre meu ombro, e ouvi a voz de mamãe dizer: "Brent, Craig está bem, e o

mesmo acontece a seu rim." Ao ouvir aquelas palavras, caí em profundo sono. "Obrigado, Pai Celestial. Obrigado, Craig. Muito obrigado, minha família."

Durante os primeiros dias que transcorreram após o transplante, tive a profunda sensação de que algo estava errado, pelas fisionomias carregadas de meus pais e irmãos. Nem tudo estava bem com Craig. No terceiro dia, eu tinha certeza de que ele havia morrido, e de que ninguém queria contar-me. Realmente ele não tinha falecido, mas estava muito enfermo e tendo grande dificuldade para se recuperar de sua parte da cirurgia.

Na tarde do terceiro dia, meu pai e um dos irmãos levaram Craig para ver-me. Ele estava da cor de uma banana madura. Com um sorriso amarelo na face, ele disse: "Como está passando, mano?" Naquele momento, vendo a grande dor que ele devia estar sentindo e o sacrifício que havia feito, eu soube o que significava o amor e ter uma família.

Dois dias depois, os relatórios médicos indicavam que meu corpo estava rejeitando o novo rim. Parecia que a operação havia fracassado. Eles tomaram medidas drásticas, porém sem êxito algum. Da maneira que as coisas estavam, a ajuda mais poderosa com que poderia contar era a oração. Trago profundamente gravada em minha mente a lembrança das diversas noites em que os membros de minha família se ajoelharam ao redor de minha cama, e cada um por sua vez orou ao Pai Celestial. Ouvi muito bem quando meus irmãos choravam, orando ao Senhor para que me permitisse viver. Então, silenciosamente, nenhum de nós foi capaz de falar; apenas tocávamos as mãos em sinal de boa-noite. E as noites eram realmente boas, pois cada um de nós havia sentido o puro amor de Cristo.

Finalmente a rejeição que meu corpo oferecia foi vencida; Craig também recuperou rapidamente a saúde e vigor. Hoje, passados muitos anos, meus médicos relatam que sou um dos receptores de rim mais saudáveis de toda a história médica. Tenho uma bonita esposa, dois filhos e uma filha. Craig agora é pai de três filhos e vive uma vida normal, cercado por pessoas que ainda não sabem por que ele fez aquela viagem apressada a Seattle, Washington, muitos anos atrás.

Posso testificar que uma das maiores alegrias que podemos encontrar na mortalidade é quando uma família é espiritualmente unida ao procurar obter o auxílio e consolo do Senhor. Estou maravilhado ao ver o amor que meus familiares demonstraram por mim. Quando medito acerca de minha família, penso a respeito do Senhor, que é o verdadeiro cabeça de nossa família do evangelho. Penso em seu amor, seu devotamento e disposição de se sacrificar por nós. Agora sinto que ganhei um testemunho especial e apreciação pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo, pois hoje sei o que significam o amor e sacrifício de um irmão mais velho.

ADVERTÊNCIA DENTRO DA NOITE

Isabelle Hanson

Era uma noite quente de primavera, quando Lynn, meu marido, e nossos seis filhos dormiam dentro do carro. Eu havia assumido o volante nos arredores de Rocks Springs, Wyoming, para que meu marido pudesse descansar. Se andássemos depressa, disse ele, pela meia-noite chegaríamos à casa de seus pais. Havíamos partido de Saint Louis, Missouri, onde meu marido estudava odontologia, e nos dirigíamos ao estado de Idaho.

Logo que deixamos a Rodovia 30 e tomamos uma estrada secundária ao norte, que conduzia ao Bear Lake, na fronteira dos estados de Utah e Idaho, encontrei um sinal indicando um desvio à direita, que seguia por uma estrada de paralelepípedos. Dirigi durante algum tempo, pensando que logo veria um sinal que me colocaria de volta à estrada principal. Porém, suas condições de tráfego se tornavam cada vez piores. De repente, na tranqüilidade da noite ouvi claramente uma voz dizer: "Pare!"

Pisei nos freios e, como estava dirigindo muito devagar, pude parar quase instantaneamente. Sete cabeças sonolentas levantaram-se para perguntar: "Que houve? Que está acontecendo? Por que paramos aqui?"

Tudo o que pude dizer foi, "Uma voz me disse que parasse. Algo deve estar errado." Meu marido pegou a lanterna e saiu para fora do carro, e viu que as rodas dianteiras estavam às margens de um profundo canal.

Ao ver aquilo, fiquei trêmula e por isto, Lynn pegou novamente o volante e nosso filho mais velho orientou-o para que desse marcha-a-ré. Quando retomamos a jornada, notamos uma placa bem pequena que indicava o caminho de volta á rodovia — tão pequena que eu não tinha conseguido vê-la no meio da escuridão. Oito cabeças se inclinaram em grata oração.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral do evangelho respondidas para orientação, e não como declarações oficiais da Igreja.

Dale F. Pearson, diretor do programa de formandos da Universidade de Brigham Young, e bispo da Ala Quatro de Pleasant View, Provo, Utah.

Creio que já fiz tudo o que estava ao meu alcance para me arrepender de uma transgressão, mas ainda me sinto culpado. Que mais poderia fazer?

É provavel que somente o bispo possa ajudá-lo a decidir se você fez tudo o que era necessário para se arrepender de uma determinada transgressão. Todavia, o problema de a pessoa sentir-se culpada nem sempre é simples de resolver. A culpa pode ser um bom sinal — indicando-nos que pecamos e precisamos aplicar o plano de arrependimento estabelecido pelo Senhor. Mas o sentimento de culpa que persiste após o arrependimento genuíno é também extremamente prejudicial, e há pessoas que continuam a alimentá-lo numa época em que ele já devia ter passado, ou mesmo depois de terem feito tudo o que precisavam para não se sentirem culpados.

As pessoas a quem tenho aconselhado, que aparentemente tiveram o problema de que falei inicialmente — de não poderem deixar de se sentir culpadas, mesmo depois de se haverem arrependido de uma transgressão — geralmente possuem outro problema, que é o de terem muito pouca auto-estima. Elas acham que já não podem fazer mais nada para controlar sua vida, por se julgarem pessoas inúteis. Por exemplo, uma mulher que conheço tentou suicidar-se depois de alguns meses em que se sentiu desesperadamente só, por estar longe de seus parentes. Ela culpava a si própria por existir esse isolamento ("Se eu fosse melhor mãe, seríamos uma família unida"), e após ter fracassado em sua tentativa de suicídio, ela voltou a culpa para outro aspecto ("Como pude cometer um pecado tão terrível?"). Embora o marido dela, o bispo e o presidente de estaca tivessem procurado demonstrar-lhe todo o apoio e amor, assegurando-lhe que o Senhor a amava, ela recusou-se a parar de nutrir aquele pensamento negativo, pois acreditava que era realmente indigna de receber o perdão. De certo modo o ato de sentir-se culpada era a razão que tinha para viver, e aquele sentimento lhe deu forças para continuar castigando a pessoa "inútil" que ela se havia tornado.

O segundo tipo de culpa perigosa — o de sentir-se culpado sem nenhum motivo aparente — muitas vezes é originário de idênticos problemas de auto-estima, provocados pela incapacidade que o indivíduo tem de tomar conta de sua vida. Certa vez, tive a oportunidade de aconselhar uma dessas pessoas, um executivo de

quarenta e cinco anos, cuja verdadeira vocação era trabalhar com crianças, mas achava que não podia pedir à família que fizesse o ajustamento do estilo de vida que seria necessário para que ele pudesse seguir aquele tipo de carreira. Diante disso ele passou a trabalhar cada vez menos, porque não gostava do emprego, e também a evitar a família. Essa paralisação em ambas as áreas fez com que ele se sentisse culpado.

A melhor solução, tanto para a irmã que mencionei como para o homem em questão, era basicamente a mesma. Eles começaram a fazer planos para resolver seus problemas e os colocaram em prática. Quando notaram que eram capazes de tomar decisões acertadas, a auto-estima aumentou, a culpa diminuiu e aquelas pessoas foram capazes de ver-se em sua exata perspectiva.

O indivíduo que se sente culpado depois de haver-se arrependido, deve fazer a si mesmo as seguintes perguntas:

1. Já completei todos os passos do arrependimento (reconhecimento da culpa, remorso, confissão, e, se apropriado, a restituição etc)?
2. Já pedi perdão ao Senhor?
3. Permiti que o Senhor retirasse o fardo de minha culpa, confiando no poder que ele tem de fazer isso, e no amor que sente por mim?
4. Perdoei completamente a mim mesmo da transgressão que cometi?

Por outro lado, alguém que se acha culpado quando nenhuma falta cometeu, poderia perguntar:

1. Costumo ver as coisas através de uma perspectiva extrema — como por exemplo, ser totalmente perfeito, ou completamente errado — ao invés de ser um misto do bem e do mal? Preciso adquirir maior equilíbrio?
2. Tenho um bom relacionamento com minha família? Tenho bons amigos cuja amizade gosto de cultivar?
3. Eu realmente possuo amor próprio?
4. Creio que o Senhor realmente me ama?
5. Por que "preciso" sentir-me culpado?

O ato de responder sinceramente a estas perguntas pode identificar algumas áreas específicas em que a pessoa necessita trabalhar honesta, profunda e fervorosamente. Muitas vezes é proveitoso falar a respeito desses aspectos com um amigo íntimo ou líder da Igreja. Às vezes os conselhos profissionais podem ser uma grande ajuda nesse sentido.

A culpa é um sentimento normal; ela é um sinal de perigo que acende, quando existe uma transgressão de que devemos nos arrepender. Porém a culpa desnecessária, que persiste sem motivo algum, mesmo quando o processo do arrependimento já foi completado, pode prejudicar o relacionamento sublime que podemos ter com um Pai Celestial amoroso.

Sharom e Wayne Dequer, pais de três filhos, Ala de Monrovia, estaca de Arcadia, Califórnia.

Nossos filhos pequenos costumam achar muito longas e enfadonhas as atividades que realizamos aos domingos. O que podemos fazer para tornar mais significativo o dia santificado?

O Salvador ensinou claramente que o domingo é um dia em que devemos procurar discernir a diferença que existe entre as necessidades motivadas pela indolência e as que são verdadeiramente físicas e espirituais. As crianças pequenas são irrepreensivelmente ativas, e devemos reconhecer esse aspecto, ao planejar as atividades que terão nos domingos. Em vez de perguntar: "Elas devem ser ativas nos dias santificados", talvez seria mais apropriado pensar, "De que maneira elas devem ser ativas aos domingos?"

Desejamos que nossos filhos aprendam que o Dia do Senhor é uma ocasião em que podemos fazer muitas coisas diferentes das que costumamos realizar nos outros dias da semana. Elas podem ver de imediato que o papai não vai trabalhar ou aparar a grama nesse dia, e que a mamãe não faz compras, nem limpa a casa ou prepara biscoitos aos domingos — que fazemos outras coisas muito mais repousantes. Como podemos fazer com que o dia santificado seja diferente também para nossos filhos?

Primeiramente, separamos o domingo para ser um dia em que ficamos ao lado de nossa própria família, ao invés de ser uma ocasião para brincar com os amigos ou assistir à televisão. Assim, compete aos pais tornar aquele dia interessante e agradável. Para que isso aconteça, em vez de dar demasiada ênfase ao que "não devemos fazer", comecemos a ensinar nossos filhos a perguntarem a si próprios, "Esta atividade é apropriada para este dia?"

Essa questão nos leva a considerar lícitas atividades como a leitura, fazer desenhos e pintar, cantar e tocar instrumentos musicais. Embora tais atividades pareçam ser bastante apropriadas, elas não fazem com que ocupemos todo o domingo. Por isto, costumamos colocar em prática outras idéias como: ajudar um de nossos filhos a "escrever" uma carta, servir de escriba para outro, enquanto ele dita uma página de sua história pessoal, realizar entrevistas pessoais com cada um dos filhos, conversar e compartilhar pensamentos e idéias.

As brincadeiras reverentes e criativas, a nosso ver, estão inteiramente de acordo com o Dia do Senhor. A questão sobre se uma atividade é apropriada ou não, geralmente pode ser respondida, examinando-se o período de preparação que é necessário e o tempo para limpar a sujeira por ela deixada. Costumamos também escolher brincadeiras diferentes daquelas que normalmente fazemos, quando estamos na companhia de nossos amigos. Decidimos, por exemplo, que brincar no solo não é uma atividade apropriada para o domingo, porém o uso de blocos de madeira e outros jogos de montagem parecem ser mais aceitáveis. Tais atividades podem ser correlacionadas com o evangelho. Assim, após lermos a história da arca de Noé ou da viagem de Léhi para o Novo Mundo, podemos fazer com que cada uma das crianças crie sua própria representação dos navios.

A melhor maneira de ajudar nossos filhos a ter um domingo agradável é passar alguns momentos junto deles. Certamente existem outros programas dominicais que requerem nossa atenção, porém meia-hora aqui e outra ali que estejamos na companhia de nossos filhos, estrategicamente colocadas, podem ser de grande valor. Muitas famílias acham que ir a pé à Igreja, pelo menos parte do caminho, realmente ajuda as crianças a sentarem-se e ficar sossegadas ao chegarem à capela. Temos feito um esforço especial para auxiliar nossos filhos a apreciarem os serviços religiosos que são realizados na igreja aos domingos. Neste ponto, novamente, a questão relativa à

conveniência daquela atividade provou ser bastante útil. Os brinquedos que não fazem ruído e livros para colorir são valiosos no sentido de ocupar a atenção das crianças menores, porém não resta qualquer dúvida de que tais atividades devem ser muito bem controladas, pois as crianças da vizinhança e até mesmo os adultos provavelmente as considerem irreverentes. Sempre é um motivo de alegria, quando encontramos um livro que é centralizado no evangelho; costumamos usar essas obras apenas nas reuniões da igreja e em outras ocasiões especiais. A criança logo aprende que aquele livro é diferente dos demais, e associará a *igreja* e a *reverência* a ele.

Em nossa opinião, esse treinamento deve começar o mais cedo possível. As crianças de 1 a 3 anos de idade normalmente cooperam com os pais durante curtos períodos de tempo; portanto as encorajamos através de comentários a respeito do quanto aquela ocasião será especial para elas e toda a família, quando já tiverem idade suficiente para ficar assistindo à reunião com os demais familiares.

Ocasionalmente, acontece de termos que levar um ou mais de nossos filhos para fora da reunião. Quando surge esse problema, achamos importante ajudar a criança a agir como se estivesse dentro da capela, fazendo com que fique sentada e quieta. De outra maneira, o ato de retirá-la da reunião se tornaria uma espécie de "recompensa" por seu mau comportamento. Achamos que, se ameaçarmos de castigar nossos filhos, faremos com que eles passem a não gostar de ir à igreja. Por isso, tentamos fazer com que a separação do resto da família seja uma alternativa que elas procurem evitar.

Quando nossos filhos começam a ser aptos a ficar na reunião e a deixar de lado as atividades de colorir e brincar com seus brinquedos até depois do sacramento, nós, como pais, realmente tentamos tornar o serviço religioso mais significativo para eles. Fazemos isso de diversas maneiras.

Incentivamos as crianças menores a participarem ativamente dos hinos. Compartilhamos um hinário, permitindo que ela o segure e apontando as palavras e notas musicais enquanto cantamos. Quando estamos em casa, sempre procuramos cantar os hinos mais conhecidos e ensinamos a elas alguns especiais (como "Ó Criaturas do Senhor" e "Ó Vem Supremo Rei," que são os nossos prediletos), para que, quando forem entoados na igreja, seja uma ocasião realmente especial para nossos filhos. Alguns pais costumam até mesmo descobrir antecipadamente os hinos que serão cantados em cada domingo, a fim de que possam preparar sua família para que deles participe.

O estímulo para participar de outras partes "padrão" da reunião sacramental, como a dos apoios e desobrigações, e especialmente de partilhar do sacramento, também é algo proveitoso. Algumas alas costumam incorporar regularmente uma história especial para crianças no serviço religioso, realçando ainda mais a apreciação que elas têm pela reunião.

O ato de conversar a respeito das observações dos oradores logo após a reunião é um processo proveitoso, mas geralmente é muito tarde para que comentários supram suas necessidades. Portanto, durante os discursos, murmuramos aos ouvidos de nossos filhos algumas observações sobre o tema que os oradores estão abordando. (Qualquer outro tipo de conversação é energicamente evitado.) É neste ponto que as histórias das escrituras que lemos para nossos

filhos começam a se relacionar com sua vida, onde eles encontram elementos no serviço de adoração que são realmente valiosos para eles. É neste ponto também que elas começam a desenvolver a capacidade que têm de se afastar dos livros de colorir e de outras distrações.

Ao planejar atividades compatíveis com o Dia do Senhor para as crianças, é importante lembrar o quanto o Salvador as ama e de que ele declarou que nos devemos tornar como criancinhas, se quisermos herdar o reino dos céus. Jesus considera as características infantis de ilimitada energia, curiosidade e entusiasmo como atributos que devem ser simplesmente tolerados ou como atributos divinos que devem ser nutridos? Com *esta* perspectiva em mente, podemos usar uma atividade apropriada, estabelecer metas e uma boa quantidade de tempo familiar para ajudar nossos filhos a descobrirem e compartilharem da alegria que o dia santificado lhes pode proporcionar.

Carta do Presidente americano...

...a um missionário da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O Presidente dos EUA, Ronald Reagan, citando uma passagem do Livro de Mormon, escreveu recentemente uma carta ao filho do Senador por Utáh, Jake Garn. Reagan escreveu a carta no fim de maio passado, para desejar felicidades ao jovem em sua missão; O "elder" Garn havia sido chamado para servir na Inglaterra. O jornal "Sentinela" conseguiu uma cópia e aqui reproduzimos alguns trechos:

• *"Prezado "elder Garn",*

Pouco tempo atrás, o seu pai mostrou-me um trecho da Sagrada Escritura. Disse-me ele que era do Livro de Mormon.

• *"Eis que pensastes poder sentar-vos em vossos tronos e, em vista da grande bondade de Deus, nada fazer, julgando que ele vos livraria? Eis que, se tal pensastes, pensastes em vão".*

Pensei muitas vezes nestas palavras. Novamente me vieram à mente em minha campanha, especialmente nos dias em que não fora tão bem quanto esperava, lembrei-me delas também no hospital, e elas estiveram em minha mente desde que Jake me disse que você logo estaria partindo em missão para a Inglaterra.

Você tem a minha mais profunda admiração, pela responsabilidade que você tomou sobre si mesmo, tenho no mais alto conceito sua Igreja. Como você provavelmente sabe, a apresentação externa pelo Coro do Tabernáculo Mormon, do hino chamado "Battle Hymn of the Republic", durante a semana inaugural, foi um dos momentos mais tocantes que Nancy e eu já experimentamos.

Embora eu não seja Mormon, respeito muito os valores da sua Igreja e, posso entender porque você estará tão orgulhoso de partilha-los com o povo da Grã-Bretanha. Você pode contar com as orações de Nancy e minhas, desejamos as bênçãos de Deus neste trabalho importante que você foi enviado para realizar.

Com calorosa atenção e afeto, Ronald Reagan".

• *Livro de Mormon Alma 40:11*

BÁRBARA SMITH: UM CHAMADO PARA SERVIR, UM MOTIVO DE JÚBILO.

JoAnn Jolley.

Bárbara Bradshaw Smith insinua-se graciosamente entre as irmãs da Igreja, trocando calorosos apertos de mão e abraços com mulheres provenientes de todas as partes do mundo, que vêm procurá-la como presidente da Sociedade de Socorro, uma organização que conta com mais de um milhão e meio de membros. Não é de admirar que as irmãs de todos os países sejam atraídas por sua humildade, que a faz destacar-se de outras pessoas.

Nem todas as irmãs tiveram a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, mas se a irmã Smith pudesse, convidaria a todas para virem jantar com ela.

"Bárbara tem uma profunda empatia e peocupação pelas mulheres da Igreja", disse seu marido com uma ponta de orgulho. Douglas Smith é o primeiro a reconhecer uma das fontes vitais de energia e habilidade de sua esposa: "Um de nosso filhos disse certa vez que sempre que Bárbara recebe um chamado para servir, toda a família deveria ser designada também para o trabalho, pois todos nós participamos

dele. Tomamos parte de tudo o que mamãe faz. De uma forma ou de outra, toda a família — os filhos, os netos, vizinhos, amigos, enfim, todos os nossos conhecidos são chamados a cooperar com ela, a dar-lhe sua ajuda e apoio. Isso acontece porque gostamos de fazer parte de suas designações, da mesma forma que ela tem feito com as nossas. Somos uma família unida."

A irmã Smith acredita que a Sociedade de Socorro, como a família, preenche todas as suas necessidades, fazendo com que aprecie melhor as bênçãos do Senhor; ensina a sorrir, a dedicar algum tempo aos outros e a sentir júbilo neste curto espaço de tempo em que nos encontramos na mortalidade. Esse chamado deve ser uma ocasião de serviço e regozijo, e é necessário que o Espírito do Senhor permeie tudo aquilo que fazemos. E ele assim fará, se o permitirmos."

"O Senhor sempre me abençoou", relembra ela. "Jamais tive uma vida negativa; ela tem sido uma experiência bastante agradável. Não resta dúvida de que os problemas existem, mas creio que o Senhor tem demonstrado que me ama e me tem ajudado a superá-los."

"Seus inúmeros projetos nunca foram um problema para ela; de fato, mamãe sempre nos fez sentir que fazemos parte de suas experiências."

"Ela é uma mulher acessível", comenta a irmã Mayola R. Miltenberger, secretária-tesoureira geral da Sociedade de Socorro. "As pessoas que a visitam são calidamente atendidas." A irmã Marian R. Boyer, sua primeira conselheira, acrescenta: "Tenho-a visto chegar atrasada a reuniões importantes, devido à preocupação que tem pelos outros." A irmã Shirley W. Thomas, segunda conselheira da presidência, afirma que "ela sempre está elegante. As pessoas procuram identificar-se com seu encanto e energia."

Sua dedicação tem início no lar. "Ela nunca está ocupada demais para atender a família," diz uma de suas filhas, Sherilyn Alba, a mais jovem dos sete filhos dos Smith, que agora é casada e tem dois filhos. "Isso aconteceu durante o período de nossa infância e adolescência, e continua agora. Sempre que precisamos dela, mamãe está disposta a nos ajudar. Não consigo lembrar-me de um minuto sequer em que não a tive por perto, quando precisei de sua opinião e conselho."

"Ela tem um verdadeiro dom de discernir o que é bom", diz Lillian Alldredge, uma outra filha. "Quando eu era pequena, ela me levava consigo aos mais diversos lugares, e conversava comigo de uma forma que me fazia sentir necessária e importante." Sua amorosa preocupação se estende também aos netos.

"Outro dia", diz Lillian, "perguntei a meus filhos (o mais velho deles tem quatorze anos) qual era sua opinião a respeito da vovó Smith. Eles disseram, 'Ela encontra tempo para estar conosco.'"

Para a presidente geral da Sociedade de Socorro, o tempo é muito valioso, pois vive muito atarefada. Por isto, ela precisa trabalhar arduamente, para que possa incluir em seu calendário as reuniões com os familiares, idas ao templo, festas de aniversário dos netos e jantares em casa dos filhos. "Costumamos envolver-nos com todos os membros da família", reflete a irmã Smith. "Se algum deles tem um problema, é como se também fosse nosso. Se algum dos filhos é bem sucedido, compartilhamos de seu sucesso; se um deles é chamado a servir, participamos de seu chamado em tudo o que seja apropriado."

O marido da irmã Smith, com quem é casada há quase quarenta

O Presidente Kimball veio visitar-nos e disse, "Bárbara, vim aqui chamá-la para ser presidente da Sociedade de Socorro."

anos, é presidente da Companhia de Seguros Beneficial Life, e atualmente é um Representante Regional da Igreja. Ele descreve seu inabalável comprometimento no que diz respeito ao apoio que presta a sua esposa — o qual tem sido alimentado através dos anos por mútuo consentimento. Ambos têm aceitado responsabilidades cívicas e eclesiásticas importantes durante sua vida conjugal, mas isso nunca aconteceu sem apoio recíproco.

Ao saber que a irmã Smith havia sido chamada para servir na Sociedade de Socorro, ele imediatamente deu a ela seu voto de confiança. "O Presidente Kimball veio visitar-nos e disse:" Bárbara, vim aqui chamá-la para ser presidente da Sociedade de Socorro da Igreja." Ele se voltou para mim e falou, 'Douglas, você a apoiará nessa designação?'Naquele momento, senti que o profeta me estava dando uma comissão especial, a de apoiar minha esposa. Foi esse o chamado que recebi para servir. Disse ao Presidente Kimball que minha esposa me havia apoiado durante trinta e cinco anos em que estive envolvido em serviços da Igreja, e que seria uma honra para mim apoiá-la. Tenho procurado fazer isso de todo meu coração."

Quase todas as mulheres da Igreja já ouviram ou leram os discursos bem preparados que a irmã Smith proferiu, e observaram a maneira amigável com que ela conduz um serão domingueiro das senhoras ou faz uma declaração para a imprensa. Não resta dúvida de que ela é o tipo da mulher que incute admiração. Porém, sua meiguice se torna tangível, quando ela fala movida por profunda convicção pessoal para uma congregação menor, ou quando toma as mãos de alguém entre as suas e diz, "Prazer em conhecê-la", você sabe que ela realmente está sentindo isso. Em tais ocasiões, é fácil amar a irmã Bárbara Smith — e sabemos disso pelo que sua filha, Lillian, informou: "Ela nos ensinou a deixar cada aposento da casa em melhor estado do que encontramos. E ela faz o mesmo com as pessoas."

A irmã Smith tem profundas convicções, tanto públicas como pessoais, a respeito da Sociedade de Socorro e das mulheres em geral. A seguir, encontram-se alguns de seus pensamentos sobre áreas de interesse das mulheres SUD de todas as partes do mundo.

Sobre a reorganização da Sociedade de Socorro da estaca:

Foram alteradas algumas responsabilidades da junta da Sociedade de Socorro da estaca, de modo que as conselheiras passam a ser encarregadas de transmitir as informações concernentes aos programas, e as presidentes cuidam dos assuntos concernentes aos membros. Esperamos que tal medida fortaleça mais do que nunca as irmãs da Sociedade de Socorro. O enfoque foi ampliado, para dar maior impulso e fôlego à obra que a organização vem realizando. Os membros da junta da estaca têm agora a designação de supervisionar diversas áreas que antes eram responsabilidade da presidente. Uma líder da junta trabalha diretamente em cada uma das seguintes áreas de interesse: ativação / missionário, currículo / em serviço, economia doméstica / berçário, treinamento de

liderança, música / recreação, jovens solteiras / transição, bem-estar, professoras visitantes / serviço de solidariedade. Falando de maneira geral, as alas estão seguindo o mesmo padrão com os resultados que estamos obtendo. Quanto mais pessoas forem envolvidas, maior será o benefício que os programas proporcionarão.

Sobre o potencial da Sociedade de Socorro:

Creio que nenhuma de nós realmente imagina que grande organização é a Sociedade de Socorro. Uma das razões pela qual o Senhor a criou foi para ajudar-nos a obter o conhecimento e inteligência de que necessitamos para agir na época atual. Esse conhecimento não se resume apenas ao que aprendemos através do estudo secular, mas também no que recebemos por intermédio do Espírito Santo para nos orientar. Realmente nos encontramos apenas nos estágios iniciais. Temos um bom alicerce, pois no passado contamos com mulheres admiráveis e fortes. Uma das maiores responsabilidades que temos hoje em dia é a de ganhar conhecimento e informação, para que possamos receber as bênçãos dos céus.

Sobre a observância dos princípios do evangelho:

Não existe ensinamento maior que eu gostaria de poder gravar no coração das mulheres da Igreja, do que o relativo à importância de aprenderem cada princípio do evangelho e os aplicarem a sua situação particular. Como todos nós sabemos, o Senhor não nos deu duas espécies de escrituras, uma para as jovens solteiras e outra para as mulheres casadas; todavia, é comum ouvirmos alguma jovem solteira dizer: "Por que vocês não têm lições que se aplicam mais a nós que às mulheres casadas?" Porém, a verdade é que elas são aplicáveis em ambos os casos. Somos *nós* que temos que descobrir em que ponto elas podem ser aplicadas, pois elas dizem respeito a todos nós. Seus princípios são universais. O mais triste é que costumamos limitar nosso entendimento. Em vez de dizermos, "Por que você não procura aplicar esse a minha situação?", deveríamos dizer, "Como posso aplicar esse princípio às minhas circunstâncias pessoais?" O Senhor deseja que aprendamos a aplicar seus princípios em tudo o que fazemos.

Sobre as jovens solteiras que passam a fazer parte da Sociedade de Socorro:

Quero que elas saibam que grande bênção é a Sociedade de Socorro. Sei muito bem que no passado algumas jovens jamais tiveram contato com essa organização, mas espero que elas procurem descobrir a grande vitalidade que poderão encontrar nas mulheres mais idosas, e de que estas reconheçam que as jovens solteiras podem fazer magníficas contribuições à organização a que pertencemos. O ato de serem membros da Sociedade de Socorro não é uma designação temporária, pois pertencerão a ela durante toda a vida. O Senhor estabeleceu esta organização para fortalecê-las e abençoá-las. A Sociedade de Socorro tem muito a lhes oferecer, e existem muitas contribuições que as mulheres da Igreja podem fazer a ela.

Se me perguntasse o que aconselharia às líderes a respeito dessas jovens, diria que as designem a ocupar responsabilidades imediatas. Façam com que ocupem posições de liderança; elas precisam aprender e têm muito o que dar de si. Ao pensar nisso, vejo até mesmo algumas dessas

jovens ocupando presidências, servindo como professoras ou em comitês. Vejo-as sendo membros cooperantes dessa grande fraternidade da Igreja.

Sobre a responsabilidade da Sociedade de Socorro na obra missionária:

Diversos presidentes de missão, líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro já me disseram que, se a organização não envolver as mulheres como contatos ou recém-conversos, eles as perderão. Porém, se a Sociedade de Socorro envolver as irmãs em seu trabalho, elas estarão aptas a fortalecer sua família e a ganhar a estabilidade de que necessitam para atravessar esse período de adaptação. Se elas estiverem envolvidas na Sociedade de Socorro, jamais se desviarão da verdade.

Sobre o lar como uma fonte de poder:

As coisas agradáveis que acontecem no lar fazem dele uma fonte de poder, um lugar onde o sacerdócio pode agir, onde podem ser demonstrados os exemplos de bem viver. O lar é o local onde começa o serviço de solidariedade e onde podemos aprender e colocar em prática todos os princípios do evangelho. Ele nos ajuda a ganhar o poder necessário para crescer e progredir, o poder para nos afastarmos do mal e de obtermos as bênçãos da eternidade.

Sobre as influências malignas que existem no mundo atual:

Em minha opinião, o maior de todos os males que enfrentamos hoje em dia é o que se refere às forças que se acham reunidas para destruir o lar,

Se a Sociedade de Socorro envolver as irmãs em seu trabalho, elas estarão aptas a fortalecer sua família e ganhar a estabilidade de que necessitam.

quer sejam representadas pelo divórcio, maus tratos aos filhos, imoralidade ou depressão — o único objetivo delas é destruir o lar, de minar a auto-estima e amor próprio. Precisamos fortalecer o lar — enchê-lo de poder, para que tais males não aconteçam. Os lares desfeitos destroem uma das maiores fontes de vitalidade que se acham ao alcance de qualquer indivíduo — o exemplo de um marido e esposa que trabalham juntos em amor.

Sobre o trabalho conjunto do sacerdócio e da Sociedade de Socorro:

Precisamos entender que as outras pessoas têm um grande potencial, responsabilidades especiais e um importante objetivo a cumprir nesta igreja divinamente organizada. As mulheres devem esforçar-se para fazer surgir no coração das outras os elementos necessários, que lhes proporcionarão a maior de todas as bênçãos. Por exemplo, creio que para o sacerdócio ser bem sucedido, a Sociedade de Socorro precisa apoiá-lo com todas as forças. Precisamos orar pelos líderes do sacerdócio, unir nossos esforços e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudá-los. Tal concentração de energia se aplica principalmente ao serviço compassivo. Nele, as mulheres têm a grande oportunidade de ser profundamente compassivas, e ao mesmo tempo de apoiar o sacerdócio

ao executar esse trabalho. Gostaria de ver esse tipo de serviço realizado cada vez com maior freqüência.

Sobre as mulheres zelarem por suas irmãs:

Um modo maravilhoso de servir uns aos outros é procurar identificar as boas qualidades que as pessoas possuem e "deixar de achar falta uns nos outros". Se assim fizermos — se não vivermos procurando notar os defeitos alheios e sim as boas qualidades, estaremos ajudando cada pessoa a se tornar melhor. A sociedade em que vivemos é egocêntrica, e freqüentemente voltada ao mau hábito de ressaltar as faltas dos outros. Gostaria de que tal atitude mudasse, que pudéssemos dizer uns aos outros, "Você é especial".

Sobre a caridade, ou o puro amor de Cristo:

A caridade não se resume apenas em palavras e obras, mas também na motivação que pode proporcionar. Acho que Cristo nos ajuda a entender por que devemos realizar obras meritórias; e quando compreendemos por que devemos identificar as necessidades de nossos semelhantes e procuramos alcançá-los em amor, com a intenção de ajudá-los, então nos elevamos acima das coisas mundanas. O ato de tentarmos ser caridosos é o mesmo que procurarmos ser como o Salvador. A meu ver, a caridade começa a nascer em nossos corações quando nos esforçamos diariamente para fazer alguma coisa no sentido de abençoar nosso próximo.

Sobre as orações pelas irmãs da Igreja:

É impossível orarmos diariamente em benefício das irmãs, sem sentirmos uma grande afeição por elas. Costumo orar pedindo ao Pai Celestial que abençoe as irmãs da Igreja, e também que as ajude a ser unidas. Oro para que elas entendam que a Sociedade de Socorro existe para ajudá-las e rogo que elas desfrutem das oportunidades que esta maravilhosa organização lhes pode proporcionar. Acima de tudo, oro para que o Senhor as auxilie a amarem sinceramente umas às outras.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000
São Paulo S.P.

A Sociedade de Socorro Me Faz Cantar

Patricia W. Higbee.

Não fosse por um comentário inteligente que minha filha fez numa triste manhã de primavera, eu continuaria a desfrutar das reuniões da Sociedade de Socorro sem me conscientizar do quanto ela tem feito para me ajudar.

Enquanto eu estava lavando a louça naquela manhã, toda apressada, olhei pela janela e vi as nuvens negras da tempestade que se aproximava. Geralmente o mau tempo me deixava acabrunhada, mas a letra de meu hino predileto, "Tudo é Belo em Derredor", não me saía da cabeça e comecei a cantar bem baixinho.

Minha filha, que se encontrava perto, tomando o desjejum, observou: "Aposto que hoje é dia de você ir à Sociedade de Socorro!"

"Como é que você sabia?" perguntei. "Você por acaso me viu lendo o manual de lições?"

"Não, mamãe", brincou ela. "É porque você está cantando!"

"De que você está falando?" perguntei."O que tem minha alegria a ver com a reunião da Sociedade de Socorro?"

Observando minha reação, ela disse calmamente: "Porque nos outros dias você está emburrada!"

Tenho que admitir que o período da manhã não é minha parte favorita do dia, mas espero que minha filha tenha exagerado ao descrever a reação que costumo apresentar. Todavia, a seu próprio modo, ela percebeu que o ato de ir à Sociedade de Socorro me fazia feliz. Isso me fez pensar na razão por que eu tinha semelhante entusiasmo pela Sociedade de Socorro.

Partilhar Irmandade e Serviço.

A Sociedade de Socorro me oferece o convívio com uma grande variedade de amigos. Nas reuniões, desfruto e obtenho a estima de mulheres das

mais diversas idades, muitas das quais têm experiências, talentos, passatempos, normas e idéias bem diferentes dos meus. O ato de zelar por elas me ajuda a querer servir a elas e a seus familiares.

Considerando que a Sociedade de Socorro proclama que servir a toda a humanidade é um dos principais objetivos de sua existência, meus próprios sentimentos a respeito de servir têm melhorado consideravelmente.

Há alguns anos, por exemplo, um dos irmãos de nossa ala mencionou que sua mulher e alguns de seus filhos estavam muito gripados. Fiquei peocupada com o problema dele e perguntei, como era de costume, se havia alguma coisa que podia fazer para ajudá-lo. Ele me deixou surpresa, quando respondeu: "Sim, você poderia preparar e trazer nosso jantar amanhã?"

Passei todo o dia seguinte reclamando por ter que perder meu precioso tempo preparando uma refeição para aquela família, quando ele estava passando bem e era perfeitamente capaz de preparar o alimento de que necessitavam. Aquela situação foi bastante diferente da que ocorreu lá alguns dias, ao preparar a refeição para a família de uma irmã que se estava recuperando de uma cirurgia.

Que aconteceu entre essas duas experiências, que mudou completamente minha atitude? Os debates sobre serviço de solidariedade que realizamos na Sociedade de Socorro ajudaram muito; os exemplos sobre servir alegremente aos membros da ala exerceram uma influência ainda maior. Havia tantas irmãs ansiosas de servir, que, em alguns casos, elas praticamente teriam que assinar uma lista e esperar que chegasse sua vez.

A Sociedade de Socorro me proporciona a oportunidade de aprimorar meus talentos, de descobrir novas aptidões e até mesmo de aprender a fazer algumas coisas que não tenho muita habilidade. Por exemplo, recentemente me senti realizada, quando alguém citou as seguintes palavras de Brigham Young: "Que a beleza de vossos adornos seja o trabalho de vossas mãos." (*Discursos de Brigham Young,* p. 214.) Hoje em dia, encontro satisfação em fazer roupas para mim e meus filhos, ainda mais pensando que, em minha juventude, eu não gostava de costurar, e certamente jamais considerei a costura como um de meus talentos. Muitas dessas novas habilidades que consegui adquirir foram resultado direto das aulas recebidas na Sociedade de Socorro.

Minha voz não é das melhores. De fato, uma de minhas amigas do tempo da adolescência, quando cantávamos na igreja, fazia com que interrompesse o hino, para que todos notassem que os erros musicais eram meus, e não dela. Em nossa ala, porém, eu realmente era um dos componentes indispensáveis de um pequeno coral que cantava nas reuniões de preparação da estaca. Ao cantarmos naquele dia, consegui entender, pela primeira vez, o que significava erguer louvores ao Senhor. Embora ainda não cante muito bem, graças ao treinamento que recebi na Sociedade de Socorro, tenho desfrutado de uma felicidade que nenhuma outra organização me poderia proporcionar.

Muitos projetos bem sucedidos, que levamos a cabo com nossos filhos, são resultado direto das idéias que outras senhoras compartilharam. Uma irmã, certa vez, relatou que devido ao fato de haver criado sua família durante a época da depressão, e por ter sido forçada pelas circunstâncias a trabalhar duramente na horta para cultivar o alimento para a família, ela costumava entreter

e ensinar a seus filhos durante aqueles momentos difíceis, contando histórias do evangelho. Estudando à noite algumas narrativas do Livro de Mórmon, da Bíblia e da história da Igreja, ela conseguia relatá-las detalhadamente aos filhos no dia seguinte. O esforço que fez para estimular os filhos a adquirirem amor ao evangelho também os ajudou a ganhar maior apreciação pelo trabalho. Hoje em dia, temos o costume de contar histórias do evangelho à família, enquanto trabalhamos juntos, desembaraçamos os cabelos compridos das meninas ou quando nos encontramos em viagem.

A Espiritualidade Fortalecida.

Talvez existam outros grupos de pessoas que me ajudariam a desfrutar de uma fraternidade semelhante, a desenvolver a feminilidade, os talentos e aprendizado, mas, para mim, numa importante e primordial área de influência — a de um renovado zelo espiritual — não existe nenhuma outra organização melhor que a Sociedade de Socorro.

Na época em que comecei a freqüentar a faculdade, eu já vivia há muito tempo longe de casa e tinha aprendido alguma coisa a respeito das reuniões da Sociedade de Socorro, que eram realizadas nas manhãs de domingo, mas relutava em participar, porque achava que ela fora criada apenas para as senhoras idosas. Antes de terminar o ano, entretanto, uma das coisas de que eu mais sentia falta, quando passava os fins-de-semana em casa, era da edificação espiritual que recebia assistindo às reuniões da Sociedade de Socorro. Nelas eu realmente aprendi a jejuar, a orar e a sentir-me mais perto do Senhor, especialmente quando preparava as lições.

Agora, nos momentos em que não me sinto em sintonia com ele, lembro-me daqueles dias e sinto-me consolada em saber que sempre poderei achegar-me a ele novamente, se me esforçar para tanto. A Sociedade de Socorro é organizada, planejada e desenvolvida através de inspiração. O ato de assistir às reuniões semanais me ajuda a viver as leis de Deus e a receber seu auxílio.

Uma conversa que tive há alguns anos com uma amiga, influenciou sobremaneira meu comprometimento de assistir às reuniões da Sociedade de Socorro. Naquela época, eu tinha desistido de lecionar e, depois de uma curta carreira no magistério, estava desfrutando de um merecido repouso no lar. Minha amiga perguntou: "Você não acha que, se não começar de novo a trabalhar, estará perdendo todos os anos de estudo que teve?"

Meus argumentos não conseguiram convencê-la. "Olhe aqui, insistiu ela," Você não gosta de arte culinária, nem de costurar. Desde a juventude, você jamais gostou de cuidar de crianças, como a maior parte de suas colegas. Você é uma boa aluna e gosta de se apresentar, e além disso, aprecia muito trabalhar com as pessoas. Mais alguns dias que você passe em casa e estará entediada."

"Está bem", respondi, com uma ponta de egoísmo. "Eu tenho a Sociedade de Socorro."

"Não me vai dizer que uma reunião semanal suprirá todas as atividades de que você necessita fora do lar", protestou ela.

A partir daquele dia, descobri que ambas tínhamos razão. Ficar satisfeita por estar em casa tem sido mais difícil do que esperava. Porém, pertencer a uma organização que estimula a fraternidade e o desejo de servir, que incentiva a feminilidade, desenvolve os talentos, estimula o aprendizado e aumenta a espiritualidade, realmente me faz feliz. De fato, só em pensar nisso eu vivo cantando.

AARÃO

Os jovens podem aprender o tipo de servos do sacerdócio que podem ser, estudando o exemplo de liderança de Aarão.

Victor L. Ludlow

A maioria dos portadores do Sacerdócio Aarônico não sabe que Aarão e Moisés, seu irmão, há muito tempo estabeleceram um dos maiores padrões de liderança do sacerdócio. É verdade que as funções sacerdotais de Aarão eram bastante obscurecidas pelas experiências proféticas de seu irmão, na época em que Moisés guiava Israel para fora do cativeiro e colocava em ordem a dispensação mosaica; todavia, Aarão simbolizou de tal maneira o exemplo de serviço a Deus, que uma das maiores divisões do sacerdócio do Senhor recebeu seu nome.

Fui ordenado pela primeira vez ao Sacerdócio Aarônico há quase um quarto de século. Desde aquela época, tenho procurado aprender e aplicar os princípios de liderança do sacerdócio que Aarão magnificamente demonstrou. Ao pensar nisso, dez princípios se tornam em evidência:

1. **Aceitar a Deus.** Em sua infância, Aarão viu a vida de Moisés ser milagrosamente preservada da morte, e seu irmão alcançar o esplendor real, antes de fugir do Egito, rumo a Midiã. Aarão ficou para trás, no cativeiro, numa condição penosa em que poderia facilmente se voltar contra Deus e a religião hebraica. Porém, em vez disso, ele provavelmente procurou achegar-se ainda mais ao Senhor. As escrituras não registram as experiências que teve ao procurar obter um testemunho; porém, quando Aarão já estava com mais de oitenta anos, "disse o Senhor a Aarão: Vai ao deserto, ao encontro de Moisés. E ele foi" (Êxodo 4:27.) A fé que Aarão tinha em Deus fortaleceu-o para suportar

os imensos desafios que ele e seu irmão teriam de enfrentar.

Ironicamente, os problemas iniciais originaram-se de seu próprio povo. Moisés recebeu milagrosos sinais, através do Senhor, para ajudar a convencer os israelitas de que ele era o grande libertador que esperavam (veja Êxodo 4:1-9), os quais, juntamente com o testemunho de Aarão, persuadiram os israelitas a permitir que os dois irmãos os representassem diante do faraó. (Veja Êxodo 4:29-31.) Porém, quando este se irou contra Moisés e Aarão, e aumentou o fardo que oprimia o povo, os israelitas se voltaram contra os dois. Moisés então expressou sua mágoa e dúvidas ao Senhor em oração (veja Êxodo 5:20-23), porém não encontramos qualquer evidência de que a fé possuída por Aarão tenha algum dia vacilado.

Lembro-me de certa vez em que minha própria fé foi testada. Cursei a faculdade em Bloomington, Indiana, e meus colegas que não eram membros da Igreja constantemente desafiavam minhas crenças. Naquela ocasião, a única defesa que eu tinha era agir como Moisés e Aarão fizeram em idênticas circunstâncias — achegar-me ainda mais ao Senhor. Acreditava que Deus provavelmente existia, pois não encontrava evidência alguma que refutasse esse fato. Presumia, também, que ele podia comunicar-se e se comunicaria comigo. Com essa idéia em mente, e com a firme convicção de que meus pais deviam estar baseando seu testemunho em algo real, orei fervorosamente ao Senhor. Através daquele intenso esforço, obtive um testemunho pessoal da existência de Deus.

2. **Construir o caráter.** Um outro aspecto significativo da vida de Aarão foi a maneira tão completa pela qual ele aceitou a seu irmão mais moço como profeta. Moisés jamais havia sofrido no cativeiro, como o resto de seu povo, e vivera fora do Egito durante quarenta anos. Aarão bem que poderia considerar a si mesmo como uma pessoa mais apta que ele a conduzir os hebreus para fora daquele país, devido à grande experiência e avançada idade. Todavia, aceitou a Moisés como um profeta do Senhor desde o início. Não obstante, certa ocasião, ele e Míriam, sua irmã, foram castigados pelo Senhor por invejarem o relacionamento que Moisés tinha com Deus. (Veja Números 12.) Um homem de menor capacidade espiritual teria permitido que a amargura e a inveja o induzissem a se voltar contra o profeta. Ao invés disso, ele se arrependeu do erro que havia cometido.

Aarão enfrentou inúmeras tentações dessa natureza. É bem provável que ele tenha tido conhecimento das profecias de José, filho de Jacó, o qual havia predito que um vidente chamado Moisés seria levantado pela filha do rei. (Esta profecia se encontra na tradução que Joseph Smith fez de Gênesis 50:29.) Não existem pronunciamentos proféticos, nem foram registradas bênçãos patriarcais extraordinárias relativas a Aarão; ele bem que poderia facilmente permitir que a indiferença e a inveja limitassem seu crescimento espiritual. Em vez disso porém, ele procurou aperfeiçoar continuamente sua própria vida e caráter, até conseguir, ele também, representar o Senhor como um de seus melhores servos.

Lembro-me de haver sentido semelhante gama de sentimentos, em menor escala, quando servia como professor na Ala Nove de Provo. Certa vez, quando a presidência do quorum ficou vaga, eu me sentia digno de ocupar aquela posição. Todavia, a pessoa escolhida foi um outro jovem. Não procurei questionar a dignidade e aptidão que ele provavelmente possuía, e limitei-me a perguntar a mim mesmo se estava tão digno e preparado como deveria estar. Resolvi tentar manter minha vida constantemente em ordem, e aperfeiçoar-me cada vez mais, para que estivesse pronto para servir em qualquer outro chamado da Igreja que me fosse oferecido.

Como santos dos últimos dias, devemos ser suficientemente sensíveis às nossas fraquezas, para que sejamos capazes de vencê-las, antes que sejamos sobrepujados por elas. Aarão nos deu um grande exemplo nesse sentido.

3. **Usar dignamente a Autoridade.** Os portadores do sacerdócio têm um duplo desafio, ao escolherem a atitude que devem tomar entre o orgulho, e a humildade. Como indivíduos, eles devem manter um perfeito equilíbrio entre o orgulho que sentem por serem filhos de Deus, e a humildade que devem ter, reconhecendo que são seres mortais cheios

de fraquezas. Da mesma forma, como portadores do sacerdócio, eles devem estar aptos a reivindicar e usar a autoridade que possuem, sem cederem à tentação de procurar obter cargos mais elevados.

Nesse ponto, novamente é Aarão que nos dá o exemplo. Não existe evidência de que ele algum dia tenha procurado obter o mesmo chamado profético que seu irmão; mas nem por isto ele era fraco e passivo ao receber delegação de autoridade. Quando lhe foi ordenado que falasse por Moisés diante do faraó, ele assim fez com destemor. Aarão assumiu a responsabilidade de seus próprios atos e agiu de acordo com o chamado que recebera. (Veja Êxodo 4:30; 5:1-4; 6:13; 7:1-2, 6-10, 19-20; 8:5-6, 16-17; 10:3; 11:10.)

Não resta dúvida de que Aarão deixou de exercer sua liderança de maneira bem sucedida, quando os israelitas ficaram sob seus cuidados no Monte Sinai. Enquanto Moisés se encontrava na montanha, Aarão perdeu o controle da congregação, quando o povo insistiu que ele construísse um bezerro de ouro. (Veja Êxodo 25:14; 32:19-24.) Todavia, depois que Moisés o repreendeu, Aarão e os levitas purificaram o acampamento, eliminando todos aqueles que se haviam recusado a seguir ao Senhor. (Veja Êxodo 32:26-29.) Daquele dia em diante, Aarão freqüentemente teve de suportar as queixas dos israelitas, porém nunca mais permitiu que eles dominassem sua vontade.

A experiência que Aarão teve no Sinai faz-me lembrar de um acontecimento semelhante que ocorreu em minha vida, na época em que eu era líder de um pequeno grupo de homens de meu batalhão, em Fort Ord, Califórnia.

Nosso pelotão estava-se preparando para receber uma inspeção informal. Depois de arrumarem o alojamento, os homens tinham saído, a fim de limpar seus materiais. O sargento chamou os quatro líderes do pelotão para dentro da caserna onde havia notado algumas tarefas que ainda precisavam ser completadas. Ele me pediu que mandasse alguns de meus soldados executá-las. Diante disso, abri a janela e chamei três homens que estavam sob meu comando. "O Sargento Carrington deseja que venham aqui e façam mais algumas coisas!"

Quando me voltei, o sargento perguntou: "O que você disse a seus soldados?"

"Disse-lhes que o senhor queria que eles fizessem um trabalho."

"Não", respondeu ele, "Eu disse *a você* que chamasse seus homens para fazerem o trabalho. Você sabe o que deve fazer." Na linguagem do sargento Carrington, aquela última frase era uma ordem para fazer imediatamente cem flexões frente ao solo.

Senti-me tomado de embaraço e frustração naquele momento, porém, depois de algumas horas, comecei a apreciar o que ele me estava ensinando. Eu era líder do pelotão, e tinha autoridade para ordenar aos soldados que viessem ao alojamento fazer o serviço. Em vez disso, havia usado o nome e a autoridade do sargento Carrington, tentando impressionar meus subordinados e induzi-los a cumprir a ordem recebida.

Aprendemos em Doutrina e Convênios 58:26-28, que não devemos ser ordenados em todas as coisas, mas sim que precisamos "fazer muita coisa de (nossa) própria e livre vontade". Devemos magnificar nossos chamados, usando o livre arbítrio e coragem que possuímos, ao invés de usar a autoridade dos outros para nos apoiar ou resolver os problemas que são de nossa competência.

4. **Desenvolver os talentos.** Assim como Aarão magnificou o chamado que recebeu de falar a Israel e ao faraó, desenvolveu os talentos e dons espirituais de que necessitava para cumprir sua mordomia. Por exemplo, ele aprendeu a obter revelações e as recebeu (veja Êxodo 12:1; Levíticos 10:8; 11:1; 13:1; Números 18:1) e eventualmente viu a Deus no Monte Sinai (veja Êxodo 19:24; 24:9-10). Aarão desenvolveu seus talentos de tal maneira, que um importante dom espiritual recebeu seu nome — o "dom de Aarão". O Senhor prometeu a Oliver Cowdery que ele receberia esse dom nesta dispensação. (Veja D&C 8:6-11.)

Aarão foi o porta-voz de Moisés, assim como Moisés foi o profeta ou porta-voz do Senhor. Servindo a ambos nessa capacidade, Aarão tinha, portanto, o dever de transmitir as mensagens do Senhor e de ensinar os israelitas (veja Levítico 10:11; Deuteronômio 33:10). Muitos profetas, entre eles Moisés e

Enoque, ficaram apreensivos com seu chamado e sentiram uma certa preocupação em transmitir corretamente a mensagem que lhes era designada. Um profeta tem a responsabilidade não somente de compreender a palavra de Deus, mas também de comunicá-la aos outros. O dom de oratória que Aarão possuía permitiu que ele cumprisse essa surpreendente incumbência.

5. **Suportar os desafios.** Aarão sofreu muitas desilusões durante seu ministério. Presenciou a grande iniqüidade dos israelitas prostrados diante do bezerro de ouro, e em outra ocasião, viu quando milhares deles morreram vitimados por pragas e castigos divinos (veja Números 11, 14, 16). Suportou, ainda, tragédias e desapontamentos pessoais. O Senhor matou dois de seus quatro filhos pelo fogo (veja Levítico 10:1-2), e sua irmã foi afligida de lepra (Números 12:10). Apesar dessas provações, ele "guardou silêncio" (veja Levítico 10:3) e pediu ao Senhor que perdoasse suas fraquezas (Números 12:11). Certa ocasião, os israelitas o acusaram de assumir demasiada autoridade (Números 16:3); ele e Moisés foram castigados por não dar ao Senhor o devido mérito e por não seguirem especificamente as instruções que ele lhes dera no dia em que fez jorrar água da rocha. O Senhor não permitiu que Aarão entrasse na terra prometida com os israelitas (veja números 20:12-20), e sua existência foi cheia de frustrações e recompensas tardias. Porém, ao invés de enfraquecer-se, de se tornar amargurado e de voltar-se contra o Senhor, Aarão procurou fortalecer-se e, finalmente, completou sua mordomia.

Como aconteceu a ele, muitos de nós devemos aprender a manter a fé na justiça divina e a viver dignamente, a fim de que recebamos as bênçãos que não chegam de imediato. Lembro-me de um ótimo jovem de Solingen, Alemanha, a quem eu e meu companheiro ensinamos diligentemente e chegamos até mesmo a jejuar e orar em seu benefício. Seus pais originalmente haviam permitido que ele se batizasse, mas o rapaz acabou perdendo o interesse que tinha pela Igreja. Todavia, treze anos mais tarde, depois de um matrimônio mal sucedido , ele voltou a interessar-se pelo evangelho, e quando teve que viajar a Chicago para tratar de negócios, aproveitou a oportunidade e veio até a Cidade do Lago Salgado, e eu tive o imenso prazer de batizá-lo.

6. **Cumprir as mordomias.** O chamado de Aarão requereu que ele realizasse designações bastante meticulosas, especialmente com relação ao tabernáculo (veja Êxodo 28, 39), e que executasse diversas formas de sacrifícios (veja Levítico 5-7).

O capítulo dez de Levítico registra um episódio de mordomia imprópria exercida por dois dos quatro filhos de Aarão, os quais queimaram "fogo estranho" sobre o altar de ouro no tabernáculo, e foram destruídos pelo Senhor. Os dois provavelmente tinham bebido demasiado vinho, pois o Senhor, após aquele incidente, ordenou que Aarão, seus filhos restantes e todas as gerações futuras de sacerdotes levitas, se abstivessem de beber vinho, enquanto estivessem oficiando e ensinando (versículos 8-11). Aarão e os dois filhos que lhe restaram foram ordenados a não demonstrar qualquer sinal exterior de pesar pelo falecimento de Nadabe e Abiú, e nem mesmo foi permitido participar dos funerais (veja os versículos 6 e 7). Também lhes foi ordenado que comessem os restos do sacrifício que se encontrava sobre o altar (veja os versículos 12-15). Aarão e seus filhos obedeceram estritamente a estas ordens.

Aqueles que servem no Sacerdócio Aarônico hoje em dia, aprendem a seguir procedimentos específicos ao abençoar e passar o sacramento, ao batizar e realizar outras ordenanças. Como portador do Sacerdócio Aarônico, e posteriormente como líder dos programas relativos a ele, aprendi a apreciar o quanto é necessário realizar todas as ordenanças sagradas corretamente e de maneira exata, assim como os líderes haviam prescrito, embora muitas vezes não entendemos por que devemos seguir determinadas normas.

7. **Prestar serviço.** Aarão deu quarenta anos de sua vida, talentos e energia a serviço do sacerdócio. Entre suas responsabilidades principais, encontravam-se as seguintes:

a. A adoração no tarbenáculo (veja Lev. 24:5-9; Êx. 30:7-8, 30).

b. Julgar determinados casos (veja Lev. 13, 14).

c. Cuidar do mobiliário do tabernáculo,

especialmente da arca do convênio (veja Números 4:5-20).

d. Lavamentos e batismos (veja Êxodo 40:12; D&C 84:26-27).

e. Sacrifícios e ofertas (veja Lev. 6:12; 9:15-22; Êxodo 29: 38-44).

f. Ensinar as leis e convênios (Lev. 10:11, Deut. 33:10).

g. Cuidar do tabernáculo, inclusive de seu transporte (veja Números 10:1-8).

h. Tocar as trombetas de prata nas batalhas e festivais religiosos (veja Números 10:1-8).

Através dessas escrituras, torna-se aparente o tempo e esforço que Aarão deve ter despendido através dos anos, para cumprir essas importantes responsabilidades. As escrituras não registram qualquer evidência de que ele tenha reclamado de ter de trabalhar excessivamente, ou de exercer muitos chamados simultâneos, ou de precisar de mais tempo para desfrutar de outras coisas. Aarão trabalhou em regime de tempo integral, em benefício do reino até o dia de sua morte.

Fico envergonhado ao pensar em quantas vezes evitei dedicar algum tempo e esforço adicional aos mestres da Décima-terceira Ala de Provo, quando servia como consultor do quorum. É verdade que, nessa ocasião, eu ainda tinha filhos pequenos, um novo emprego, o lar e outros afazeres, mas precisava lembrar-me da obrigação que tinha para com aqueles jovens. Quando os conheci melhor, e aprendi a amá-los, seus desafios e problemas se tornaram também meus, e gradualmente acabei servindo a eles, não movido por um sentimento de responsabilidade, mas por um espírito de amor e genuíno interesse.

Aarão supervisionou e elaborou um sistema de ofertas e sacrifícios, e nós, hoje em dia, temos muitas oportunidades de dar um pouco de nós mesmos em benefício de nossos semelhantes. Não podemos deixar que outras obrigações, a idade avançada ou as atividades profissionais sejam uma desculpa para não servirmos ao Senhor e de ajudá-lo a construir seu reino. Por mais que uma pessoa se esforce ao servir, nenhum de nós poderá fazer mais pela humanidade que nosso Salvador e o Pai Celestial.

8. **Ajudar os líderes**. Os nomes de Moisés e Aarão são mencionados juntamente tantas vezes nas escrituras, que eles parecem ter sido quase inseparáveis. Ao nos lembrarmos de que os cinco primeiros livros do Velho Testamento foram escritos por Moisés, temos uma boa idéia do apoio fiel que Aarão deve ter dado a ele. Moisés, líder de sua dispensação e profeta do Senhor, deve ter recebido um *apoio real*, não somente pela presença infalível de Aarão, mas pelo serviço consciente que ele lhe prestou. Devido a seu trabalho diligente, todos os programas religiosos foram completados e postos à disposição dos israelitas. Isto não apenas proporcionou a eles um ambiente religioso adequado, mas também deixou Moisés livre de considerável preocupação, e ele assim podia concentrar seus esforços no sentido de cumprir as responsabilidades que não poderia delegar a outrem.

Os sacerdotes no Sacerdócio Aarônico muitas vezes enfrentam desafios semelhantes, ao procurar apoiar o presidente de seu quorum, que é o bispo. Quando todos eles magnificam seu chamado, o bispo se encontra livre para concentrar esforços em outras áreas do reino. Os conselheiros e outros líderes também podem aliviá-lo de muitas preocupações, permitindo assim que ele consiga servir melhor como um "juiz comum" e conselheiro espiritual da ala.

9. **Cumpridores de instruções**. Uma das maiores responsabilidades relativas ao Sacerdócio Aarônico é a de ensinar, advertir, exortar e de "convidar todos os homens a que venham a Cristo" (veja Lev. 10:11; Deut. 33:10; D&C 20:46-59). Aarão ensinou os sacerdotes e levitas a cumprirem seus deveres, e preparou seu filho, Eleazar, para assumir o ofício de sumo sacerdote. Com a morte de Aarão, a transição para a nova liderança foi suave e sem qualquer incidente, indicando quão bem ele havia preparado outras pessoas para exercerem adequadamente as funções sacerdotais.

No ramo de estudantes em que sirvo como bispo, tenho o dever de treinar a maior parte dos membros da ala em seus chamados e responsabilidades. Os calouros têm muito zelo e vontade de servir, porém muitas vezes lhes falta o conhecimento e experiência que são necessários para cumprirem algumas designações. Tanto eu como meus

conselheiros somos líderes experientes; são eles que efetivamente administram os programas da ala e treinam os membros na maneira como devem tratar os outros, enquanto concentro minha atenção no relacionamento que eles devem ter com o Senhor. Trabalhamos assim, como uma equipe, para instruir todos os membros da ala em suas obrigações terrenas.

Como membros da igreja do Senhor, todos nós temos a séria responsabilidade de ensinar aos outros, por preceito e por exemplo, as doutrinas do evangelho e os valores básicos de um viver cristão. Numa época em que predomina a procura das coisas mundanas e a desintegração familiar, devemos permanecer fiéis aos nossos valores, para que possamos ensinar os outros a viverem como filhos de Deus.

10. **Avaliar o progresso**. O Senhor reconheceu a devoção que Aarão tinha a seu oficio, tanto durante sua vida terrena como após ela. Deus reconheceu vividamente a autoridade do sacerdócio que Aarão possuía, fazendo com que sua vara florescesse milagrosamente (veja Números 9:22-24). Ele também conferiu o sacerdócio a Aarão através de Moisés (veja Lev. 8:4-13; D&C 132:59), e em seguida prometeu que sua posteridade digna teria o direito permanente de possuí-lo (veja Êx. 29:9; Números 18:1; 1 Crô. 23:13; D&C 68:16-21; D&C 84:27). Posteriormente, o Senhor deu o nome de Aarão a uma das divisões do sacerdócio (D&C 107:1-20), indicando, assim, a satisfação que sentia no serviço que ele lhe havia consagrado.

Acho difícil avaliar o serviço que presto ao Senhor. Procuro, todavia, discernir as maneiras sutis pelas quais o Espírito Santo me orienta, inspira e guia, e conto as bênçãos que tenho recebido. Tento avaliar a qualidade do serviço que dedico aos outros. Porém, a melhor maneira de aquilatar as coisas que realizo no sacerdócio, é pela maneira como o coloco em prática no lar. Se eu amar e honrar verdadeiramente o sacerdócio, minha família será inspirada a fazer o mesmo. O exemplo de Aarão é uma clara evidência do quão excelentemente o sacerdócio pode ser honrado, e é um modelo para as futuras gerações de portadores do sacerdócio e suas famílias. Seria proveitoso se tornássemos nosso serviço tão produtivo e leal quanto foi o de Aarão.

Victor L. Ludlow, professor adjunto de escrituras antigas da Universidade de Brigham Young, é um consultor do quorum dos diáconos e mestres da Escola Dominical de sua ala, em Provo, Utah.

O NATAL E SUAS RECORDAÇÕES

Richard L. Evans

No Natal muitas coisas se associam — crianças, inocência, expectativas, entes queridos, volta ao lar, felicidade, doces e alegres melodias, às vezes também a solidão, sérias preocupações, generosidade de alguma forma e algo novo emergindo do melhor de nós mesmos — e muito mais do que isso — tudo associado com o desejo de perdoar e de esquecer juntamente com as lembranças dos anos passados que surgem e se mesclam com o presente. Gostariamos de pedir aos pais que proporcionassem boas e felizes recordações aos seus filhos — não mimá-los ou ser indulgente demais, não dar tudo o que eles querem — mas proporcionar lembranças de amor, encorajamento, de paz, harmonia, e felicidade no lar — lembranças que abençoarão sua vida onde quer que estejam, sempre e eternamente.

Assim como na vida, as lembranças vão e vêm rapidamente. Vamos viver com o arrependimento e progresso, com honestidade e respeito e com equilíbrio entre a mente, o coração e o espírito — junto com as coisas tangíveis que estão em tanta evidência. Não poderia, naturalmente, conceber o Natal sem aquele cuja vinda é comemorada: o Príncipe da Paz, o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor, de quem damos testemunho de que vive com toda a certeza de nossa alma: "Eu sei que vive Meu Senhor."

O Presente de Natal

Layne H. Dearden

Três internos já me tinham dito que eu já estava bem de saúde para receber alta no dia seguinte, que seria véspera de Natal, e voltar depois de passar o curto feriado em casa. Eu estava certo de que logo receberia a confirmação final daquela agradável notícia, quando o Dr. Sherman, chefe do departamento médico, viesse fazer sua costumeira visita no final da tarde. Porém, quando ele finalmente chegou, e parou à minha cabeceira, seu exame foi rotineiro, em verdade rotineiro demais.

"Você está-se recuperando bem, muito bem mesmo", assegurou ele, e voltou-se para deixar o quarto sem dizer coisa alguma sobre a alta que eu teria antes do Natal.

Engoli em seco, atemorizado, e perguntei: "O senhor me dará alguns dias de licença, a partir de amanhã, não é mesmo?"

A única indicação de sua surpresa foi a maneira como ele levantou as sobrancelhas castanhas. Para minha desilusão, ele respondeu: "sinto muito, meu filho, mas você não poderá ir a parte alguma, pelo menos nas próximas duas semanas."

Seu tom de voz era amável, porém firme e resoluto. Não consegui pronunciar mais nenhuma palavra, enquanto ele deixava o quarto. O grande sonho ao qual me tinha apegado durante aqueles últimos dias acabara de cair por terra. Minha única esperança havia sido pisada, completamente destruída.

Não era justo aquilo que eu estava passando! Eu já cumpria missão havia mais de um ano quando tudo aconteceu. Estava muito feliz, trabalhando no chamado que recebera de pregar o evangelho em Nova Iorque, e que vinha sendo uma experiência feliz e emocionante. Nos últimos dias, o trabalho tinha sido produtivo e abençoado com sucesso. Eu também havia sido abençoado com boa saúde — pelo menos estava saudável até duas semanas atrás, quando de repente meu braço direito começou a ficar paralisado e perdi a voz durante mais de duas horas.

Ninguém sabia o que se estava passando comigo, por isto me levaram àquele hospital de um dos bairros da cidade, para que me examinassem. Nenhum dos médicos parecia ter certeza do que me havia

acontecido, porém consegui ouvir algumas conversas a respeito de hemorragia cerebral, tumores e síndromes. As dezenas de exames inconclusivos que foram feitos deixaram-me exausto e ainda mais enfermo do que quando havia entrado no hospital. Não era justo que eu ficasse ali, perdendo meu tempo, quando havia tantos pesquisadores para serem ensinados; e acima de tudo, não era justo também que aquela enfermidade misteriosa tivesse aparecido.

Eu telefonava quase todas as noites para meus pais, que moravam em Utah, assegurando-lhes de que estava passando bem e que não havia nada com que se preocupar. Minha mãe queria tomar o primeiro avião e vir visitar-me, mas eu sabia que meus pais não estavam em condições de arcar com aquela despesa, e que eu ficaria ainda mais consciente de que estava hospitalizado, se soubesse que mamãe estava para chegar. Para desvanecer sua angústia, fiz algumas brincadeiras a respeito de minha misteriosa doença, e desempenhei cuidadosamente o papel de vítima resignada, para que ela não se preocupasse tanto comigo.

O pequeno hospital do Bronx, famoso por seu trabalho no campo dos problemas neurológicos, parecia o lugar mais desolado e remoto da terra. Senti isso desde a primeira noite que passei naquele lugar. Quando os dias se transformaram em semanas, minhas esperanças de receber alta por ocasião do Natal tornaram meu sofrimento quase insuportável. Só a idéia de participar dos festejos e atividades natalinas aliviava um pouco meu enfado e desconforto.

"Você não vai a parte alguma, pelo menos nas próximas duas semanas". A declaração do Dr. Sherman estava profundamente gravada em minha mente, e enchia-me de nostalgia e fatalidade. Quando eu era criança, sonhava com o dia do Natal durante meses, e em minha juventude, descobri que meus prazeres infantis tinham sido apenas parcialmente substituídos por uma apreciação maior dedicada aos amigos, à família e a Jesus Cristo.

Fiquei imóvel na cama pelo menos durante mais quinze minutos, antes de levantar-me apenas o suficiente para ligar o rádio, que tinha sido meu único prazer e diversão naquele quarto solitário de hospital, desde que ali chegara. Porém, mesmo escutando o rádio, minha tristeza aumentava ainda mais. Agora o desapontamento que antes sentia havia sido substituido pelo rancor, e sentia-me profundamente miserável. Achava que aquele sentimento estava transformando minha personalidade num poço de corrupção.

Não obstante, teimava em escutar os programas radiofônicos, preferindo ouví-los aos sons rotineiros que vinham do corredor e da cozinha adjacente. Todas as emissoras pareciam transmitir sonoramente os mais lindos hinos de Natal. Vozes felizes auguravam felicidade ao mundo. Cantores lembravam repetidas vezes "que não existe lugar nenhum melhor no mundo que o lar, para se passar os feriados natalinos."

Não havia, porém, alegria alguma em meu coração, e o pior de tudo é que me encontrava longe do lar. Eu nem mesmo iria passar o Natal junto de meu companheiro de missão e membros da igreja de Nova Iorque. Para mim, não haveria Natal naquele ano.

O dia 23 de dezembro custou a passar, e finalmente chegou a véspera do Natal. No hospital, reinavam silêncio e tranqüilidade. Muitos dos pacientes haviam recebido permissão de ir para casa. Mas eu não, teria que

ficar ali, terrivelmente só. Sentia-me solitário, diminuto e insignificante.

Recostado tristemente ao leito, eu ouvia as canções natalinas que eram transmitidas pelo rádio, zombando delas mentalmente, e desejando de todo o coração que aquela noite passasse de uma vez. Cerca das 8 da noite, alguém bateu à porta: era Ed Cazakoff, um dos recém-conversos que eu havia ajudado a ensinar, e que, pedindo licença, entrou em meu quarto. Seus braços estavam cheios de pacotes, e um bonito sorriso iluminava-lhe o rosto. Ed saudou-me com um alegre "Feliz Natal", e colocando sobre uma cadeira os presentes que trazia, apertou-me calorosamente a mão.

Fiquei surpreso ao vê-lo distante da família naquela época do ano. Aquela ocasião para ele não era apenas a véspera do Natal, mas o Hannukak, uma época especial de reunião familiar para o judaísmo. Ed sofrera muitos problemas familiares por causa de sua conversão ao cristianismo e ao evangelho restaurado, por isto procurava passar a maior parte do tempo possível junto de seus familiares, para assegurar a eles o seu contínuo amor e lealdade.

Ed estava radiante ao conversar comigo naquela noite. Seu calor, entusiasmo e sensibilidade faziam-no parecer ter menos de vinte e quatro anos. Ele sorria continuamente ao falar a respeito de seu trabalho na Igreja, da grande alegria que sentia no evangelho e de seu interesse e amor por nossos amigos mútuos e por sua família. Conversamos durante algumas horas, ouvimos cânticos de Natal e abrimos os presentes que ele havia trazido. Alguns eram da parte dele, e outros tinham sido mandados por alguns amigos.

Depois que ele partiu, fiquei meditando a respeito das horas que ele teria de ficar esperando pelo metrô e viajando para casa naquela noite fria. Olhei ao redor do quarto que outrora fora solitário. O cesto de lixo estava cheio de coloridos papéis de embrulho, e uma pequena pilha de presentes abertos repousava sobre a única cadeira do aposento, e uma porção de fitas pendia do lado de minha cama. Mas não era apenas o quarto que havia mudado, eu mesmo parecia estar muito diferente. Alguém sensibilizara meu coração; a felicidade e entusiasmo de meu amigo tinham aquecido minha alma. Conscientizei-me, então, de que estivera pensando apenas em meus problemas momentâneos, quando devia ser grato a Deus pelas inúmeras bênçãos que poderia desfrutar eternamente.

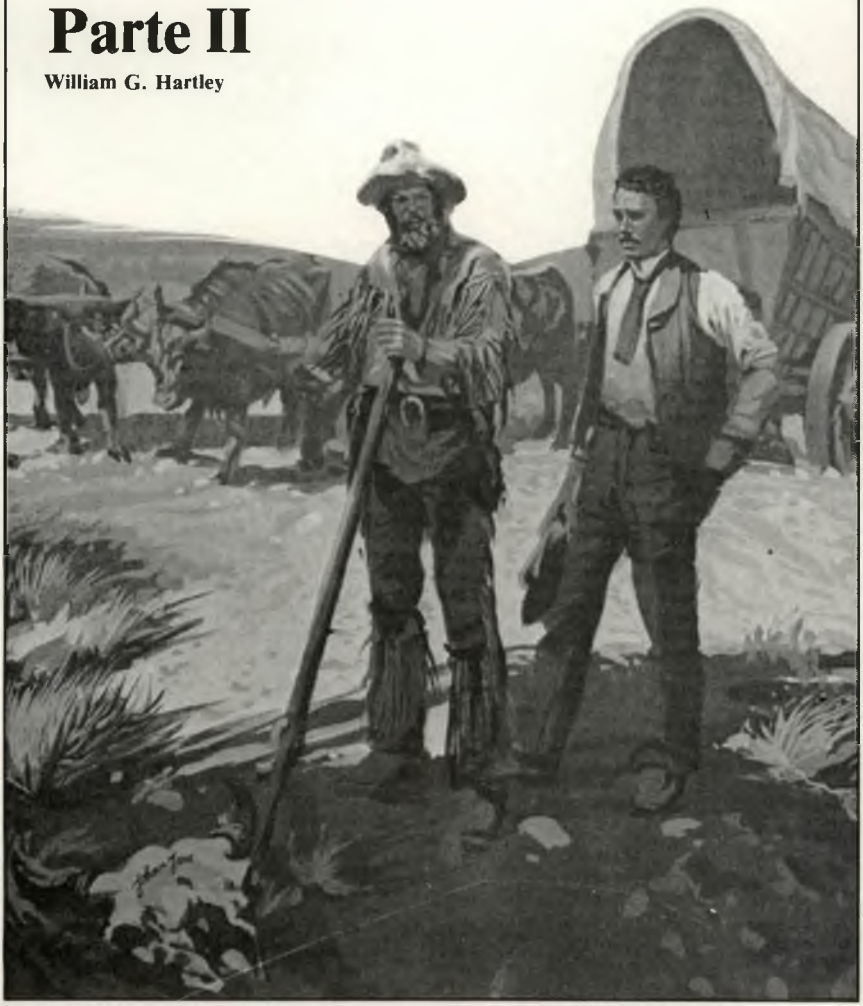
Aquela havia sido a primeira véspera de Natal de Ed em sua nova religião, e ele passou-a comigo. Sua sinceridade e afetuoso interesse me deram um exemplo sublime de verdadeiro amor cristão. Ele havia-se sacrificado por mim — tinha-se importado comigo. Ed conseguira captar o profundo significado do Natal — e eu nem mesmo o sentira. Os prazeres cuja falta estivera lamentando não eram realmente importantes, mas apenas artificiais e inexpressivos.

Durante as horas seguintes que ali fiquei, permaneci deitado em meio à escuridão, e escutei os hinos transmitidos pelo rádio, com uma profunda certeza de seu significado. Lembrei-me, então, de uma noite, há muitos anos, numa distante terra de além-mar. Senti uma profunda satisfação pela vida de Cristo, que tinha nascido naquela noite, e fiquei emocionado com o espírito daquele dia que se aproximava. Adormeci tranqüilamente, agradecido pelas dádivas natalinas que recebera de dois irmãos queridos, um terreno e outro celestial.

Aventuras de um Jovem Marinheiro Britânico

Parte II

William G. Hartley



William Wood passou os anos de sua juventude servindo na marinha britânica. Agora, depois da experiência que tivera na guerra da Criméia e da China, e de uma viagem ao redor do mundo que durou três anos, a bordo do HMS Retribution, o marinheiro sentia a satisfação de estar em sua casa novamente, situada na ilha de Sheppey, perto da fóz do rio Tâmisa. Aproveitou o tempo para descansar e visitar seus parentes, nenhum dos quais havia apreciado que se filiasse à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, há cinco anos atrás.

Depois que já estava em casa, William procurou o ramo local da Igreja. Sua irmã foi junto com ele, pensando que o irmão estava saindo apenas para passear. Ambos acabaram assistindo a uma reunião da Igreja, realizada em Sheerness, num "pequeno quarto superior de uma suja alameda". William foi recebido calorosamente pelo presidente do ramo e alguns santos que já o conheciam. Eles convidaram-no para proferir um discurso e relatar algumas das experiências que passara em alto mar. Ao fazer isso, William observou o quanto sua irmã ficou surpresa "ao ver que eu ainda era mórmon, e por ouvir-me pregar o evangelho".

Para suplementar seus honorários de marinheiro da reserva, um pagamento de apenas 80 libras, William começou a trabalhar como açougueiro. E quem o empregou, com um bom salário, foi seu ex-patrão de Maldon, o Sr. Blaxall, o mesmo homem que o despedira havia alguns anos, por ter-se filiado à Igreja. Willian retornou ao estabelecimento e trabalhou ali por mais um ano, período em que estabeleceu duas metas primordiais em sua vida — a de emigrar para Sião e de "escolher uma esposa".

No início de 1862, o jovem conheceu e apaixonou-se por Elizabeth Gentry, uma atraente moça de 16 anos de idade, filha do presidente do ramo de Maldon. A mãe dela se tornara membro da Igreja em 1853, a filha em 1854, e o pai, que era ferreiro, no ano seguinte. O irmão Gentry e William, que foram convertidos no mesmo ano, tinham servido como sacerdotes nos trabalhos de pregação realizados nos arredores da cidade, antes de William entrar para a marinha.

Quando William e Elizabeth ficaram noivos, procuraram obter o conselho

do Élder Francis M. Lyman, que na ocasião visitava diversos países da Europa, a respeito de emigrarem para Sião. O Élder Lyman, que mais tarde se tornou membro do Conselho dos Doze, aconselhou-os a juntarem-se ao grupo de emigrantes que ele estava organizando naquela ocasião.

O casal seguiu para Londres, reuniu-se aos santos que iriam imigrar, e foram para Liverpool, onde embarcaram no velho navio *William Tapscott*, que tinha sido especialmente fretado pelos agentes de emigração da Igreja. Naquela viagem, o barco recebeu uma das maiores companhias de santos dos últimos dias que emigrariam para os Estados Unidos, chegando a ser 800 almas, procedentes das Ilhas Britânicas, Dinamarca e Suécia. "Foi uma visão interessante", relatou William, "ver os santos embarcando no navio, trazendo às costas toda espécie de utensílios de latão, amarrados em feixes; algumas pessoas levavam até mesmo seus colchões de palha na cabeça, enquanto outros traziam todos os tipos de pacotes e cestos. Alguns emigrantes traziam antigas peças de mobiliário.... ou velhos quadros retratando seus bisavós."

William surpreendeu-se do quão rapidamente a grande multidão, dividida em alas no navio, seguiu para os locais designados pelos élderes presidentes, de maneira tão ordeira. "Creio que um número idêntico de não-membros jamais conseguiria acomodar-se com tamanha ordem", observou um veterano da vida naval. "Somente o Espírito do Senhor seria capaz de produzir tal harmonia." O navio partiu das docas de Liverpool no dia 13 de maio de 1862.

Os mestres da ala receberam a designação de cuidar de cada família, e o Élder Lyman pediu a William que ficasse responsável pelo bem-estar de sete emigrantes, entre os quais se encontrava Elizabeth. O marinheiro obtinha as rações alimentares deles, provia os meios pelos quais o alimento pudesse ser preparado e realizava outros serviços necessários. A lenta viagem de seis semanas, caracterizada por um mar tempestuoso e muitos passageiros mareados, terminou em Castle Gardens, Nova Iorque. A companhia de emigrantes passou por uma inspeção de saúde e em seguida embarcou em trens que se dirigiam a S. Louis, Missouri. Por se encontrar a Guerra Civil americana naquela época em seu auge, "fomos transportados e mudados diversas vezes. Em certo lugar, tivemos de embarcar num trem de carga. Os vagões anteriormente haviam carregado porcos e ainda não tinham sido limpos, e assim tivemos que suportar a sujeira e sentir o seu gosto muitos dias depois de já termos terminado a viagem."

Ao chegar às margens do rio Missouri, a companhia foi transferida para um pequeno vapor, o qual chegou até perto de Council Bluffs, Iowa, tarde da noite, e no meio da escuridão, passageiros e bagagens foram descarregados apressadamente. Quando o dia rompeu, os cansados viajantes procuraram localizar seus pertences, que se encontravam espalhados por toda parte, e em seguida se reuniram num campo de imigrantes da Igreja.

Ali eles foram organizados em companhias de dez, quinze, cinqüenta e cem pessoas por Joseph Young, agente de emigração da Igreja. Como William era um veterano militar, foi nomeado capitão dos guardas.

Carroções e juntas de animais tiveram que ser rapidamente preparados, a bagagem carregada, os suprimentos alimentícios embalados e remetidos, e os cocheiros treinados. Enquanto era feito esse trabalho, o acampamento foi assolado por uma violenta tempestade de ventos muito fortes, chuvas torrenciais e atemorizantes relâmpagos. O gado soltou-se e debandou, provocando prejuízos incalculáveis. Os raios mataram pelo menos duas pessoas e feriram diversas outras. Um verdadeiro dilúvio varreu o solo, formando valas que em alguns casos chegavam a ter três metros de profundidade. Durante a tormenta, William, que era capitão dos guardas, foi chamado para ajudar uma irmã que estava prestes a dar à luz sob uma tenda parcialmente destruída — e tanto a mãe como o filho se tornaram seus amigos por toda a vida, quando chegaram a Utah. A companhia precisou de três dias para se recuperar da tempestade, e muitos santos jamais conseguiram encontrar caixas e sacos que continham seus pertences, os quais foram levados pelas águas tempestuosas.

Um certo irmão, chamado Cooper, notando a habilidade que William tinha de cuidar do gado, contratou-o para treinar suas juntas de bois a trabalharem sob a canga para puxarem o carroção rumo a Utah. Em troca de seus serviços, ele prometeu transportar o jovem e a noiva gratuitamente até seu destino. Alguns dias depois, todavia, seu empregador anunciou que não pretendia mais ir a Sião, e desejava que o casal o ajudasse a estabelecer uma fazenda nas adjacências. Quando William se recusou, o homem expulsou os dois de seu carroção e deixou-os em plena trilha, sem água e alimento.

Felizmente para o aflito casal, os Élderes Lyman e Charles R. Rich os encontraram naquela mesma noite, quando vinham do oeste, e tomaram as providências necessárias a fim de que Elizabeth seguisse para Utah, ao preço de 40 dólares, com uma família chamada Wardell. O Élder Lyman, entretanto, pediu a William que retornasse à cidade de Florence, para ajudar D. F. Kimball a conduzir seus carroções de carga. O noivo concordou relutantemente com essa separação.

"Creio que essa foi a maior provação que tive de suportar — ver-me na contingência de deixar minha companheira e voltar. Não obstante, submeti-me a essa amargura, e dando um beijo de despedida em minha noiva, coloquei em suas mãos uma moeda de meio soberano — todo o dinheiro que eu possuía no mundo — e subindo na boléia, segui minha jornada, com o coração pesaroso e a mente cheia de reflexões a respeito de como tudo aquilo terminaria. O irmão Rich notou que eu estava chorando, e disse-me que, se eu tivesse coragem e fé, tudo correria bem."

Na primeira noite que William passou no acampamento, proporcionou aos demais componentes da caravana alguns momentos alegres

naquela viagem, e nas outras que faria nos anos seguintes. Ao preparar-se para dormir, retirou de sua mala algo que pensava serem roupas de baixo de algodão, e ao invés disso, encontrou algumas peças de roupa íntima femininas, cheias de rendas e lacinhos." Seus companheiros quase morreram de tanto rir. Por engano, ele havia trazido a mala de sua noiva! Porém, o marinheiro foi mais afortunado que os outros, pois, enquanto os membros da caravana tiveram que dormir no chão duro por três meses, William dormiu confortavelmente em sua rede que ele pendurava entre as duas rodas do carroção. Nas noites chuvosas ele simplesmente se cobria com um pedaço de lona, protegendo também a rede com ela.

Dia após dia, o cenário e a viagem se tornavam cada vez mais enfadonhos. Ao chegarem à rocha da Chaminé, perto do estado de Wyoming, algumas reses ficaram doentes e morreram, forçando a companhia a fazer viagens cada vez mais curtas a cada dia que passava. William chegou a pensar que jamais conseguiria chegar a Utah, para reunir-se com sua amada Elizabeth.

Finalmente, num sábado do mês de outubro, a caravana desceu as colinas que cercam a Cidade do Lago Salgado, abismados por um maravilhoso pôr-do-sol que iluminava o grande vale e por ver, lá embaixo, uma cidade bem planejada, toda dividida em quarteirões de idêntico tamanho. Ao se aproximarem dela, a moradora de uma das cabanas chamou William e acenou para ele. Era a irmã Wardell, a mulher com quem Elizabeth tinha viajado para Utah! William correu até onde ela se encontrava, mas sua expectativa foi imediatamente destruída. Ela informou-o de que sua noiva já não o amava e que pretendia casar-se com um polígamo local!

"Foi como se um raio me atingisse", lembrou ele. Profundamente magoado, o jovem continuou a seguir com a caravana até o interior da cidade, e à noite, voltou à casa dos Wardell. A mulher tentou persuadi-lo a casar-se com uma de suas filhas, mas William não se interessou. "Tomei a decisão de que teria a namorada de minha juventude", disse ele.

Alguns de seus amigos, que antes residiram em Maldon, viviam em Centerville, por isso, bem cedo na manhã seguinte, William viajou 19 quilômetros para localizá-los. Quando encontrou a casa deles, já era noite, e "para a grande alegria de meu coração, a garota que eu amava estava dormindo num rústico sofá, aparentemente gozando de boa saúde, embora estivesse coberta de andrajos. Quando ela acordou, sua alegria foi indizível. "Elizabeth então esclareceu que a mulher dos Wardell havia tentado forçá-la a casar-se com seu filho. Quando não conseguiu realizar seu intento, expulsou-a de casa e reteve todas as suas roupas pessoais e de cama, até que a jovem pagasse, até o último centavo, os 40 dólares que lhe devia. Para encobrir o fato, a mulher havia engendrado a história a respeito de Elizabeth ter perdido o afeto que sentia pelo noivo, esperando com isso que o veterano da marinha se casasse com uma de suas filhas.

William voltou à Cidade do Lago Salgado e levou seu carroção até a cidade de Springville, onde recebeu os três meses de salário que lhe deviam. Em seguida, retornou à casa dos Wardell, pagou o débito e recuperou os pertences de Elizabeth e partiu de novo para Centerville. Duas semanas depois, os noivos se casaram.

Através de um trabalho árduo, o casal conseguiu construir uma bonita casa de alvenaria e montou um próspero açougue na Cidade do Lago Salgado, e com os lucros, conseguiram pagar as despesas de imigração dos pais de Elizabeth, no ano de 1867. No ano seguinte, porém, William e a esposa deixaram de lado seu bonito lar e uma carreira promissora, para cumprirem uma difícil missão colonizadora no Arizona. Passaram-se quatro anos e eles voltaram na mais completa pobreza, e tiveram que morar num rústico abrigo escavado na encosta de uma colina, de onde podiam ver, com tristeza, sua antiga morada.

William conseguiu prosperar novamente, mas de novo, em 1880, deixou seu estabelecimento comercial e a família para cumprir uma missão em seu próprio país. Ele relatou o seguinte, quando já estava prestes a terminar esse trabalho, que de outra forma teria sido bem sucedido:

"Preguei o evangelho a meus familiares, a meu pai, minha mãe, ao irmão e irmã, e embora nenhum dos de minha parentela o tenham aceito, foram forçados a reconhecer que não poderiam refutar a doutrina a respeito da qual testificava, e eles agora acham que já não sou o mesmo homem de há vinte e sete anos atrás. Em minha infância... todos os meus parentes me trataram com profunda amabilidade, e o mesmo tratamento estenderam a todos os élderes que procuraram levar-lhes a mensagem da restauração naquela época. Tenho certeza de que Deus os abençoará por isso."

Seis anos depois que ele voltou da missão, sua amada Elizabeth deu à luz, aos quarenta e dois anos de idade, a seu décimo-terceiro filho, porém dentro de alguns dias, tanto a mãe como a criança morreram. Alguns anos depois, William se casou novamente, e junto com seus filhos e a nova esposa, partiram rumo ao Canadá, onde seu nome ficou famoso, ligado às grandes fazendas de criação de gado e enfardamento de carne seca. Edward J., filho de William, serviu durante muitos anos como presidente de estaca e do templo de Alberta.

Um ano antes de morrer, William escreveu a impressionante história de sua vida, esperando que seu exemplo como converso, marinheiro, pioneiro e missionário pudesse ensinar aos jovens da Igreja "que eles devem partir do lugar onde aprenderam o evangelho... E jamais aceitar qualquer convite que os leve à intemperança e imoralidade. Orem sempre ao Senhor, quer sejam chamados pelos servos de Deus para pregar o evangelho ou estejam cercados pelos horrores da guerra — jamais se esqueçam de dirigir uma silente oração a seu Pai Celestial, pois ele jamais os esquecerá."

COMO AJUDAR AS CRIANÇAS A APRECIAR AS REUNIÕES

Dr. Asahel D. Woodruff - Administrador Educacional

Obter os benefícios de uma reunião sacramental é um ato de autocontrole e preparação. O processo de ensino-aprendizado deve ser iniciado tão logo o bebê se conscientiza do que se passa a seu redor. Isso deve continuar no decorrer dos anos com consideração e paciência. As emoções ou sentimentos controlam as coisas de que gostamos ou não, bem como aquilo que buscamos ou tentamos evitar. Gradualmente buscamos aquelas situações que foram satisfatórias em nossas experiências anteriores e evitamos aquelas que foram desagradáveis ou aborrecidas. Crianças pequenas necessitam de ajuda para formar sentimentos positivos quanto às reuniões. Elas precisam constantemente de abraços, massagens, beijos, um braço em torno delas, a cabeça no colo ou ombro. Elas podem necessitar de uma pequena ida ao corredor, ou para beber algo, e retornar à reunião. O amor e a proximidade de mãe e pai, ajudá-las-ão a atravessar os primeiros anos e a associar a reunião sacramental com aquele amor. Às vezes objetos silenciosos para que segurem e brinquem são de grande auxílio durante esse período inicial. Com tal ajuda, a perseverança se torna possível e transforma-se em apreciação e desejo. Uma criança pode aprender que a reverência faz parte da adoração. A reunião sacramental é realmente sobre Jesus. Uma criancinha pode entender que na reunião sacramental adoramos Jesus e pensamos nele, especialmente se estas coisas forem discutidas entre pais e filhos. Às vezes é difícil para as crianças entenderem os oradores. Os pais podem ajudá-las com breves comentários após a reunião. E o ensino do evangelho no lar é uma base necessária.

Minha vinculação com a reunião sacramental começou com a alegria de sentar-me ao lado de mamãe que me demonstrou amor durante aquelas primeiras reuniões. Minha conscientização da presença do Espírito começou com as impressões obtidas ao ouvir sinceros conversos alemães e holandeses que prestavam testemunho com grande emoção. Levou muito tempo — e valeu a pena.

COMO NÓS O FIZEMOS:

É a "minha vez com Papai"

Temos quatro filhos entre 5 meses e 6 anos de idade. Sempre nos sentamos na frente e percebemos que isso ajuda a torná-los reverentes. Sendo membro do bispado não posso sentar-me com minha família; por isso levo um dos filhos para sentar-se comigo junto ao púlpito. Pedimos àquele que fica que tome "notas" da reunião, e os desenhos que fazem contam uma boa história do que aconteceu na Igreja. Na reunião de nossa família no Dia do Senhor e nas reuniões familiares ensinamos hinos às crianças. Quando cantamos aqueles hinos na Igreja, suas faces se iluminam e elas cantam tão alto quanto qualquer outra pessoa. — *Ray e Vicky Wetzel, Klamath Falls, Oregon.*

Um "Livro Sacramental" ajuda

Quando meu neto tinha quatro anos, sua mãe lhe fez um "livro sacramental". Ela colecionou figuras de Jesus na Última Ceia, com seus apóstolos, no jardim, carregando a cruz, na cruz etc. Ela colocou-as em um fichário. Quando o sacramento é passado, ele olha estas figuras e senta-se silenciosamente. Ele não compreende bem o significado do sacramento, mas ajuda-o a entender que é a respeito de Jesus e fica mais quieto e atento. — *Freda M. Eagan, Colorado Springs, Colorado.*

Eles conservam as coisas simples — Porque meus três filhos têm menos de cinco anos de idade, tento conservar as coisas simples. Não trazemos distrações como comida ou brinquedos e só após o sacramento eles têm permissão de olhar para os livros e desenhar nos papéis. Praticamos hinos em casa para que eles os reconheçam e cantem na Igreja. Mesmo a mais nova aprendeu a observar o sacerdote até ele ajoelhar para que ela cruze os braços para a oração. Posso dirigir-lhes a atenção para os oradores identificando-os: "O irmão Wilson é o pai da Rebeca". Encorajamento e elogio ajudam a desenvolver a reverência e a atenção. — *Judy Kay Frome, San Diego, California.*

Fiquem atentos a um pensamento — Desde quando nossos filhos eram muito pequenos conversávamos com eles antes da sacramental e lhes dizíamos por que íamos à reunião sacramental e o que esperávamos deles. Eles nunca tiveram permissão para comer durante a reunião. Sentávamos na frente da capela para que eles vissem os oradores, a benção do sacramento etc. Eles tinham permissão para levar um livro. À medida que cada criança crescia, pedíamos que ficasse atenta a pelo menos um pensamento especial. — *Jeannene J. Nelson, Arlington, Texas.*

Como fazer a verificação:

1. *Dê amor e atenção às crianças pequenas durante a reunião.* **2.** *Leve as crianças para fora durante a reunião somente quando necessário, mas volte sempre.* **3.** *Prepare-se em casa. Converse a respeito da reunião de que vão participar e o que ela significa.* **4.** *Dê o exemplo de reverência.* **5.** *Ensine os hinos às crianças.* **6.** *Converse com elas após a reunião sobre os pensamentos e idéias transmitidos pelos oradores.*